

Gabinete das Curiosidades

ZAGUT

#FIQUEMCASA
#STAYHOME

Adriana Montenegro . Alê Silva . Alexandre Sallys .
Ana Cristina Teixeira . Ana Luiza Mello . Ana Mattos . Ana Maria Alves de
Souza . Ana Padilha . Ana Paula Alves de Souza . Ana Paula Guinle . Ana Rutter . Ana Schieck .
Andréa Bracher . Andres Papa . Angela Gentile . Angela Mello e André Metello . Anita Fiszon .
Attilio Colnago . Augusto Herkenhoff . Bahie Banchik . Bel Guimarães . Bel Mota . Benedito Neves Jr .
Benjamim Rothstein . Bosco e Aleteia . Carmen Givoni . Cecilia Rondon . Celia Gimenez . Celina Nollí . Celso Adolfo .
Cesar Paes Barreto . Christian Quellmann . Christiano Whitaker . Claudia Watkins . Clayton Ferreira . Conceição Durães .
Cunca Bocayuva . Daniele Bloris . Deise Paiva . Denise Araripe . Denize Torbes . Dirce Fett . Dora Portugal . Dulce Lysyj . Edwiges Barros .
Elaine Fontes . Fernanda Mafra . Fernando Brum . Francinete Alberton . Galvão Jr. Gilvan Nunes . Graça Pizá . Guta Moraes .
Helen Pomposelli . Heloisa Alvim . Hilario Almeida . Hortensia Pecegueiro . Ilda Fuchshuber Falacio . Iraceia Oliveira . Isabella Marinho .
Isis Braga . Izabel Lucas . Jarbas Paullous . João Saboia . Joel Gama . Jorge Cerqueira . José Senna . Katia Politzer . Lando Faria . Leila Bokel .
Lenn Cavalcanti . Let Cotrim . Leticia Potengy . Lia do Rio . Liana Gonzalez . Liane Briand . Lizete Zem . Lucia Lyra . Luciane Villanova .
Lucio Volpini . Luiz Antônio Norões . Marcelo Veiga . Marcia Cavalcanti . Marcia Clayton . Marcia Rommes . Marcio Atherino .
Marcio Wantroba . Maria Cecília Leão . Maria Lucia Maluf . Maria Perdigão . MarQo Rocha . Marta Bonimond . Marta Strambi .
Martha Pires Ferreira . Mauricio Theo . Meiga Rodrigues . Miro PS . Moema Branquinho . Nanda Cruz . Nilton Pinho . Noemi Ribeiro .
Paloma Carvalho . Paulo Mittelmann . Pedro Bento . Ragnar Lagerblad . Raquel Camacho . Regina Moura . Renata Barros .
Roberto Negri . Roberto Tavares . Rosângela Soares Pinto . Rose Aguiar . Rose Nobre . Rosi Baetas . Salazar Figueiredo . Sandra
Gonçalves . Sandra Macedo . Simone Trombini . Sissi Kleuser . Sonia Camacho . Sonia Xavier . Tchello d'Barros .
Teresa Coelho . Teresa Stengel . Teresinha Mazzei . Têssara . Tina Velho . Vania Pena C. Vania Vica . VeraLu .
Vicente Duque Estrada . Vilma Lima . Vitoria Szejnman . Walkyria Proença . Zé Igino . Zoravia Bettoli .

ZAGUT

Abertura
10 abril às 17h
2021

Exposição
virtual permanente
www.espacozagut.com

Shopping Cassino Atlântico
Av. Atlântica 4240 - loja 315
Copacabana - Rio de Janeiro
Brasil

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

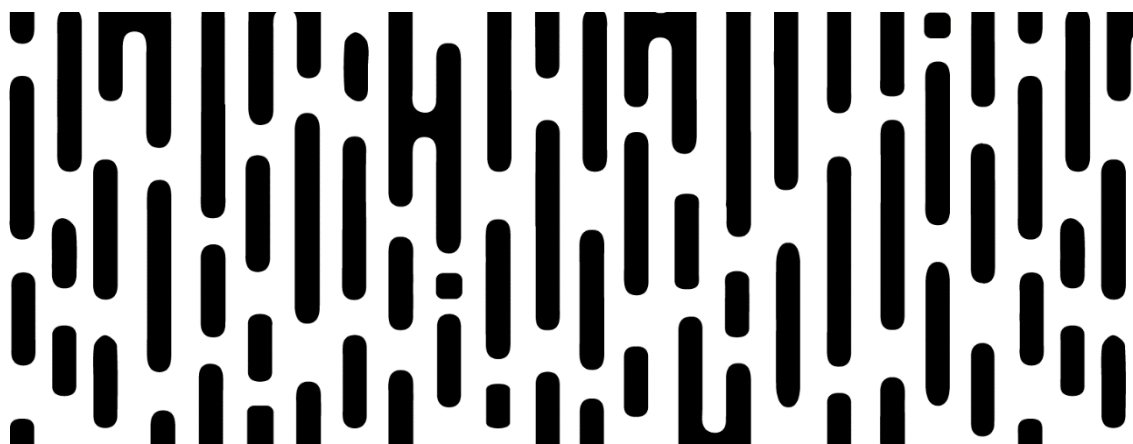
Ensaio crítico: Carlos Taveira

Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



Gabinetes de curiosidades e o colecionismo



Heinrich Kurz – Gabinete de aficionado

Há evidências de que a humanidade guarda objetos similares desde a Pré-História. Depois, as portentosas coleções se restringiram a reis e faraós: muitas riquezas obtidas em pilhagens de guerras, provas de poderio. Entretanto, é no século XVI que ocorre um “surto de atividade colecionadora”, junto com as diversas inovações do período e as grandes navegações trazendo tantas culturas distintas. Essas coleções se estruturam em forma de Gabinetes de Curiosidades, ou Quarto das Maravilhas, através da guarda e exposição, apenas para convidados de seu dono, de objetos os mais diversos, separados em áreas de mundo animal, vegetal, mineral (naturalia e exótica); de realizações humanas (artificialia) e questões de ciência, em especial instrumentos (scientifica). E muitas dessas coleções foram doadas e constituíram a base de diversos museus atuais.

Segundo Desvallées e Mairesse (2013), coleção é “um conjunto de objetos materiais ou imateriais que um indivíduo ou um estabelecimento se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar, em um contexto seguro e que é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja pública ou privada”. E continuam: “formam um conjunto coerente e significativo”.

A Coleção de Ulisses Aldrovandi foi doada para o senado de Bolonha, a de Felipe II da Espanha faz parte do Museu do Prado, a de Hans Sloane

estruturou o início do Museu Britânico e de História Natural também em Londres, acrescida a coleção de Lord Elgin; a de Shchukin no Hermitage. Mais recentemente, a coleção de John Pierpont Morgan e de Havemeyer no Metropolitan de Nova York, além das instituições dedicadas às coleções de Solomon e também Peggy Guggenheim, Calouste Gulbenkian, Henry Clay Frick.

Particularmente nas artes plásticas, os chamados patronos tiveram enorme importância nas maravilhas entre os diversos Patrimônios da Humanidade. Suas motivações para colecionar obras são bem diferentes, e continuam bem atuais: desde o prazer da fruição da obra, reconhecimento de pares pelos artistas consagrados de sua coleção, ou pela descoberta de artistas emergentes, questões financeiras, compartilhamento da fruição.

Há iniciativas para entender melhor o colecionador atual tanto no exterior, (*Collecting in the Digital Age International Collectors Survey*, realizada pela AXA ART, com mais de 900 colecionadores internacionais, e a *Collectionneurs D'art Contemporain: des acteurs méconnus de la vie artistique*); quanto em pesquisa nacional, da Conjuntura da Arte.

Se no mundo há mais de 300 instituições iniciadas e muitas vezes ligadas a coleções privadas, no Brasil também existe esse tipo de instituição, o Instituto Inhotim (Brumadinho, Minas Gerais), por exemplo, assim como a Fundação Vera Chaves Barcellos (em Viamão, Rio Grande do Sul), o Instituto Figueiredo Ferraz (em Ribeirão Preto, São Paulo) e a Usina de Arte (Santa Teresinha, Pernambuco). Até mesmo a instituição da Bienal de São Paulo foi responsabilidade de colecionadores, Yolanda Penteado e seu marido Ciccillo Matarazzo.

Em tese de doutorado sobre o colecionismo na arte brasileira, Adriano Gomide (2014) lista algumas das principais coleções de arte do país e algumas instituições que as abrigam: Chateaubriand (MAM-RJ), Castro Maya (Chácara do Céu e Açude), Sergio Fadel, Roberto Marinho (casa em seu nome), Jean Boghici, Mônica e George Kornis, João Sattamini (MAC Niteroi), José e Paulina Nemirovsky (Pinacoteca), Yolanda Penteado e Ciccillo Matarazzo (MAC-USP), Pedro Barbosa, Oswaldo Corrêa da Costa (casa em seu nome), Andréa e José Olympio, José Carlos de Figueiredo Ferraz (instituto em seu nome), Bernardo Paz (Inhotim), Ricardo Giannetti, Carlos Perktold, Neuber Siqueira, Regina e Delcir da Costa, Fátima Pinto Coelho e Jorg Hagedorn, Manfred Leyerer, Angela Gutierrez, Paulo da Terra, Helio Lauer, Tadeu Bandeira, Victor Pardini, Marcio Teixeira, Segismundo Marques Gontijo, Alberto e Priscila Freire, Mauro Tunes Junior, Justo Werlang.

Nessa tese, o autor tece interessantes comentários, desde o de Jerry Saltz sobre o advento do colecionador, que ocorre quando tem mais pinturas do que paredes para colocá-las, e também quando se aprofunda na obra Gabinete de um aficionado, de Heinrich Kurz, com um livro de Georges Perce a respeito desse interessante trabalho.

Na Zagut, somos colecionadores desde crianças, hábito que já estava presente em nossas famílias. A lista inclui desde selos, álbuns, postais, fotografias, papel de carta, livros capixabas. E obras de arte. Com o advento da Zagut, essa coleção vem aumentando paulatinamente. E já foram realizadas duas iniciativas para doação de obras para instituições públicas de forma a aumentar suas coleções de arte contemporânea.

Os artistas são colecionadores na sua enorme maioria. Suas coleções incluem objetos que serão utilizados um dia em alguma obra, obras de outros artistas, livros de arte...e as coleções comuns.

Nesta mostra, é realizada uma reflexão sobre esse fascínio que as coleções exercem sobre as pessoas, e, em especial, entre os artistas. E a importância que os colecionadores têm na constituição de instituições, pesquisa, e fruição de suas coleções.

Referências Bibliográficas:

Desvallées, Andre e Mairesse, François. Conceitos chave da museologia. ICOM, 2013. Disponível em: http://icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf

Gomide, Adriano. Colecionismo de arte moderna e contemporânea no Brasil: um estudo. Tese de doutorado em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/31114/4/PPGArtes_AdrianoCelioGomide_TeseDOUTORADO_TextoPARCIAL.pdf

<https://collectgram.com/blog/a-arte-de-colecionar/>

<http://www.conjunturadaarte.art.br/>

<https://www.select.art.br/perspectivas-do-colecionismo-de-arte-contemporanea-no-brasil/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabinete_de_curiosidades

Quem é que tá botando dinamite
Na cabeça do século?
Quem é que tá botando tanto piolho
Na cabeça do século?

Curiosidade – Tom Zé

O desvio da curiosidade

Carlos Vinicius S. Taveira (Mestre em teoria da história pela PUC-Rio e doutor em Literatura, cultura e contemporaneidade pela PUC-Rio)

Em seu livro *Espaço literário* o filósofo e teórico francês Maurice Blanchot salientou que a palavra “encontrar” tem uma relação maior como bordear, ou se posicionar em volta, ou até mesmo margear algo, do que se chegar a um determinado objeto em si. Nessa visão “encontrar” está mais próximo do processo de buscar algo, do que do uso desse objeto em si. Existe uma aproximação que podemos caracterizar como um encontro, mas existe também uma necessidade de estabelecer alguma conexão com o que encontramos, sendo que esta exige uma necessidade de invenção.

Uma definição que podemos estabelecer entre a noção de “encontro” proposta por Maurice Blanchot e a ideia básica de curiosidade, é que este último termo pode ser contido na expressão “desejo de conhecer”, enquanto a palavra “encontro” pode ser caracterizada como o momento que propicia este acontecimento. Em primeiro lugar um ponto que nos chama atenção é a ordem do desejo estar presente, operacionando a curiosidade como uma força capaz de criar deslocamentos em potenciais e múltiplas direções. Um impulsionamento em determinada direção, mesmo que seja, de maneira. Em outra vertente, ao se mover, é provocado um “encontro” desse movimento ocorrido, porém, sem muita capacidade ainda de compreensão de seu resultado no momento, necessitando de um maior distanciamento para uma melhor análise de seu impacto e afeto.

Se a curiosidade nos move e nos leva aos encontros, então precisamos pensar de que maneira podemos negociar justamente com o que encontramos, ou que podemos encontrar. É provável que necessitemos estabelecer algum tipo de “toque”, ou mesmo de “troca” com o que surge da curiosidade e de seu potencial resultado de levar a buscar. Esse catálogo está montando como um espaço repleto de curiosidade nas páginas, mas também, de quem o tem nas

mãos. O que será que terá nas próximas páginas? O que os artistas escolheram para expressar o tema “curiosidade”? Que técnica? Que linguagem?

As respostas para essas indagações estão nas páginas seguintes e o caro leitor terá que atravessá-las. São possíveis encontros, em que pode não se encontrar o que se espera, mas sim, o que é necessário para atender os desejos subjetivos de cada. Não existe uma forma segura de compartilhar o que pode e está contido em uma obra de arte, mas sim, um convite para que a encontre e que, cada um, saia com uma memória pessoal dessa experiência.

Dito isto, podemos explorar com curiosidade as proposições artísticas presentes nesse catálogo. Agradeço aos responsáveis pelo Espaço Zagut Isabela Simões e Augusto Herkenhoff pelo convite pela escrita desse texto e aos artistas pelo desafio de explorar um tema inquietante e tão vasto, que resultaram em trabalhos que exploram diversas linguagens, materiais, e o próprio da curiosidade.

Um gabinete de curiosidades

Antes dos museus surgirem e se tornarem um local associado ao mundo das artes, havia outros espaços em que comumente eram possíveis encontrar objetos artísticos e outros de outras naturezas, no caso, os chamados “gabinetes de curiosidades” ou também conhecidos como “sala das maravilhas”. Deve ser mencionado ao início, que ao mesmo tempo em que podemos imaginar um espaço físico, imaginemos também uma forma de pensar e se relacionar com o passado e de criar articulações mentais. O gabinete de curiosidade atuaria como um dispositivo simultaneamente mental e corporal.

Do ponto de vista histórico, os “gabinetes de curiosidade” tiveram seu apogeu no século XVI concomitantemente as grandes descobertas no mundo. Foi um período em o mundo mudou fisicamente com novas fronteiras cartográficas, e intelectualmente com o advento dos conhecimentos da revolução científica ainda embrionária e da crítica humanística na cultura em geral. A percepção era de exploração, ou de renegociação de antigos limites que existia na idade média e de um novo posicionamento do papel do homem no mundo.

As noções de mundo ganharam novos contornos e bordas maleáveis, e espaços como os “gabinetes de curiosidades” representavam um microcosmo

dessas transformações. Eram espaços arquitetônicos que organizavam objetos advindos de variadas origens. Poderiam ser oriundos de tribos indígenas, animais até então desconhecidos, ou então um simples desenho. A organização do que faria parte de um gabinete de curiosidade girava em volta da aleatoriedade e dependia do que poderia atizar o desejo. Diversas tipificações foram criadas, e desapareceram com o tempo. A ideia de colecionar e fazer uma grande enciclopédia do mundo se tornaria o grande objetivo nos séculos XVII e XVIII.

O interior do gabinete possui uma dinâmica própria. Os objetos dispostos poderiam compor paredes preenchidas por peças pregadas, estantes organizadas com prateleiras múltiplas, ou mesmo um amontoado de utensílios, uns sobre os outros, de forma a expô-los ao campo da experimentação sensível. Alguns solicitavam uma interação com o olhar, enquanto outros poderiam preceder de outros sentidos como o toque, ou a audição. Os objetos eram encontrados, mas por não serem compreendidos, eram inúmeras vezes usados em outras funcionalidades, para a qual, não foram criados. Um desvio que se tornava regra e motor da imaginação.

A exposição em um ambiente considerado como “gabinete de curiosidades” era capaz de propor indagações, e por isso, uma formação de saber. Os objetos ali postados eram fontes de estudos e suposições. Eram analisados e explorados em tentativas de elucidação e catalogação. Ou em outras palavras eram simplesmente guardados e serviam de forma acumulativa, mas que exigia a faculdade de se fabular sobre suas origens e usos.

Porém, existem singularidades que devemos demarcar no gabinete de curiosidades dos séculos renascentistas que se transformam em polaridades opostas no decorrer do século XIX com os museus. No período renascentista não havia uma nitidez na definição de um método científico que só seria desenvolvido nos séculos seguintes. Nesse contexto as curiosidades presentes nos gabinetes atuam em um misto de crença e desconfiança, ao mesmo tempo em que possibilitam um avançar na revolução científica. São comuns os relatos de objetos relacionados a histórias míticas como unicórnios, ou mesmo sereias. Não existe uma separação entre o ficcional e o real, em uma imbricação e um atravessamento que produz saber.

Os museus, sobretudo os de história natural, procuravam catalogar e sistematizar de maneira profunda criando organizações e padronizações em series. Além disso, o espaço físico começou a seguir em outra direção criando toda uma etiqueta expositiva que dominaria a curadoria moderna.

Aby Warburg e a ideia de um Atlas.

Aby Warburg foi um intelectual alemão que viveu na passagem dos séculos XIX para XX e que criou um método de uso e investigação na história da arte que se distanciou do positivismo tão presente na historiografia do período, e que estabeleceu diálogo com as formas de organização que estavam presentes nos gabinetes de curiosidades. Especialista no período do Renascimento investigou formas da história que mantiveram sua transmissão por outros meios que não só a escrita, sendo a mais importante, mas sim, o uso das imagens.

Desse estudo nasceu o chamado Atlas Mnemosyne, um projeto prematuramente inacabado devido a morte de Warburg, mas que deixou uma maneira peculiar de estabelecer contatos e diálogos com as imagens. Organizadas em pranchas, mostrando uma forma de expor peculiar, as imagens são colocadas lado a lado, em uma montagem que parecem apresentar alguma linha imaginária levando uma à outra, mas que não apresenta toda sua forma de montagem ao espectador.

Nasce disto uma inquietude ao nos depararmos com um Atlas, pois não há uma segurança na transmissão da mensagem do objeto. Esse é o ponto que Aby Warburg parece querer mergulhar e investigar, pois o primeiro efeito do seu trabalho é denunciar a incerteza da comunicação e a abertura da linguagem imagética como um elemento de proliferação de temporalidades e ideias.

Um Atlas tradicional que tivemos contato em nossa escola é uma imagem que ao mesmo tempo apresenta diversas linguagens, sobretudo escrita e imagética, que possibilita uma navegação a quem o utiliza. Uma pessoa pode utilizar um Atlas e criar sua própria cartografia conforme seus desejos e suas trajetórias. E se mudássemos para o universo das imagens em geral, poderíamos explorar uma história baseada no visual e não em tratados filosóficos ou livros herméticos?

A resposta de Warburg com seu Atlas é que poderíamos borrar as fronteiras entre os objetos, sobretudo, entre as linguagens. As pranchas do Atlas organizam imagens que em um primeiro momento parecem ser dispares, sem nenhuma interlocução, mas que buscam explorar no espectador sua capacidade de imaginação e combinação entre os componentes expostos lado a lado.

Assim como um gabinete de curiosidades apresentava uma expografia própria, dispondo os objetos conforme critérios subjetivos de acumulação e exposição, cabe salientar bem distintos do tradicional e ainda utilizado por museus contemporâneos, essa forma de apresentar posicionava um grupo de imagens, em perspectiva lado a lado, deixando as conexões ao espectador.

A imaginação ganhou espaço sob a utilização da análise e do racional. A imagem em um gabinete de curiosidades não está restrita aos seus limites propostos por uma moldura, mas sim, aberta em diálogo com o seu contexto. Isso significa que podemos pensar o Atlas, ou o gabinete, como um dispositivo capaz de produzir saber. Ao dispor e imaginar, algo é criado, e deste, mundos são inventados e subjetividade produzida.

Por fim, um gabinete de curiosidade não possui um eixo único de orientação podendo ser potente por este motivo, e justamente por ser múltiplo, abrir novas perspectivas. Trata-se de um conhecimento que se materializa pela vertente labiríntica da incerteza e da imaginação. Esse catálogo busca um esforço de tentar dar conta de um gabinete de curiosidade que se formou com os trabalhos dos artistas, restando quem os tenha em mãos realizar sua própria cartografia, seguindo seus desejos e sua subjetividade em forma de curiosidade.

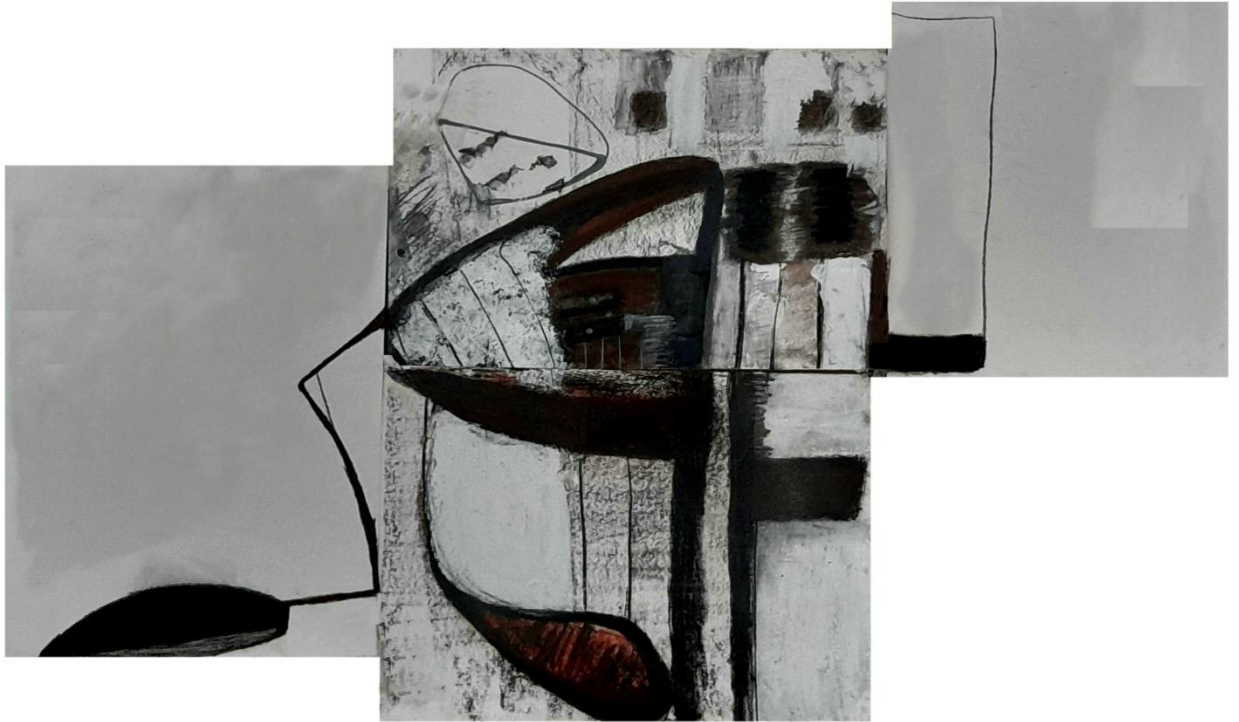
Bibliografia.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg.** Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2013.

DIDI-HUBERMAN, G. Atlas. ¿Cómo llevar el mundo a las cuevas? [2010] . Disponível em: <http://www.museoreinasofia.es/publicaciones/atlas-como-llevar-mundo-cuevas>. Acesso em: 01 abril. 2021

DIDI-HUBERMAN, G. Atlas ou a Gaia ciência inquieta: o olho da história, 3. Trad. Renata Correio Botelho E Rui Pires Cabral. Lisboa: KKYM/EAUM, 2013.

Adriana Montenegro



S/ título; impressão em fine art; 71 x 52 cm (políptico); 2021

Ale Silva



Mar de Plástico, projeto Reflexos da Guanabara; fotografia digital; 42 x 30 cm;
tiragem: 1 /10; 2015

Aleteia Daneluz e Bosco Renaud



Golden Plunger/ O Santo Graal contemporâneo; 656 gramas de ouro 24k (pode ser customizado com diamantes abaulados); 12,5 cm (altura) x 10,5 cm (diâmetro); 2021.

Alexandre Sallys



Queimada, série Amazônia; acrílica s/tela; 60 x 60 cm; 2021

A obra intitulada Queimada faz parte de um projeto chamado série Amazônia com o intuito de chamar a atenção para conscientização da preservação dos nossos animais em nossas florestas e queimadas na Amazônia!

Ana Cristina Teixeira



Panapaná; técnica mista s/ papel Canson; 21 x 30 cm cada; 2021

Ana Luiza Mello



Coleções e Significados; fotografia, impressão fine arts; 30 x 42 cm; tiragem 1/6

Significa a coleção no seu contexto amoroso e representativo das mulheres da minha família e alguns dos seus objetos, fortalecendo nossos laços, nesse encontro do passado, presente e futuro.

Ana Maria Alves de Souza



Sessão de Análise: colecionando metamorfoses; colagem com objetos colecionados pintados; 18 x 23 cm; 2021

Ana Mattos



Os bestializados do covil; fotografia e arte digital; 40 x 60 cm; 2021

será sorte, dor ou esperança
essa asneira letárgica
do ato vazio da espera
de que tudo se cuide sozinho?

essa zombaria mórbida
dos que comem
rosna aos que berram famintos.

fartos carnavais
e suas alegorias de alforrias
serão miragens?

Ana Padilha



Sagrado Coração; colagem manual/ analógica sobre papel cartolina branco; 48 x 66 cm; 2020

Ana Paula Alves de Souza



Quite Nights; técnica mista; 12 x 14 cm; 2021

Ana Paula Guinle



A casa entelada; fotografia, impressão em canvas; 60 x 100 cm; 2017

O entelamento se dá quando queremos conter algo que está por desabar. Quando, o que estava em pé, um dia, não se conteve e começou a ruir. Conter o que se está por ruir. Uma nova construção se faz para que o que existia e não mais existe passe a existir apenas com a possibilidade de ser contido.

“A Casa Entelada” faz parte de uma série intitulada “antilugares”

Uma série de imagens que mostram uma arquitetura da memória, da possibilidade de reflexão, dimensionando-as internamente, atribuindo significado a cada um de seus espaços. Da existência de um registro do passado que interfere na ação do presente. Aqui nos deparamos com o antilugar como algo que foi em um tempo-espaço de outrora; é abandono; é memória contida, apego.

Ana Rutter



Arqueologia Diária, Série Useless; modelagem sobre objeto; 16 x 33 x 20cm;
2020 / 2021

Objetos descartados sempre me atraíram. Ao preservá-los a intenção é arqueológica. Amassados, quebrados e desgastados, eles têm uma história, e quando os cubro com material estranho estou vestindo-os para uma nova função.

Ana Schieck



Moça, série Família em Potes; pote de vidro contendo fotografias antigas de família; 17 x 10 x 10 cm; 2019

Andréa Brächer



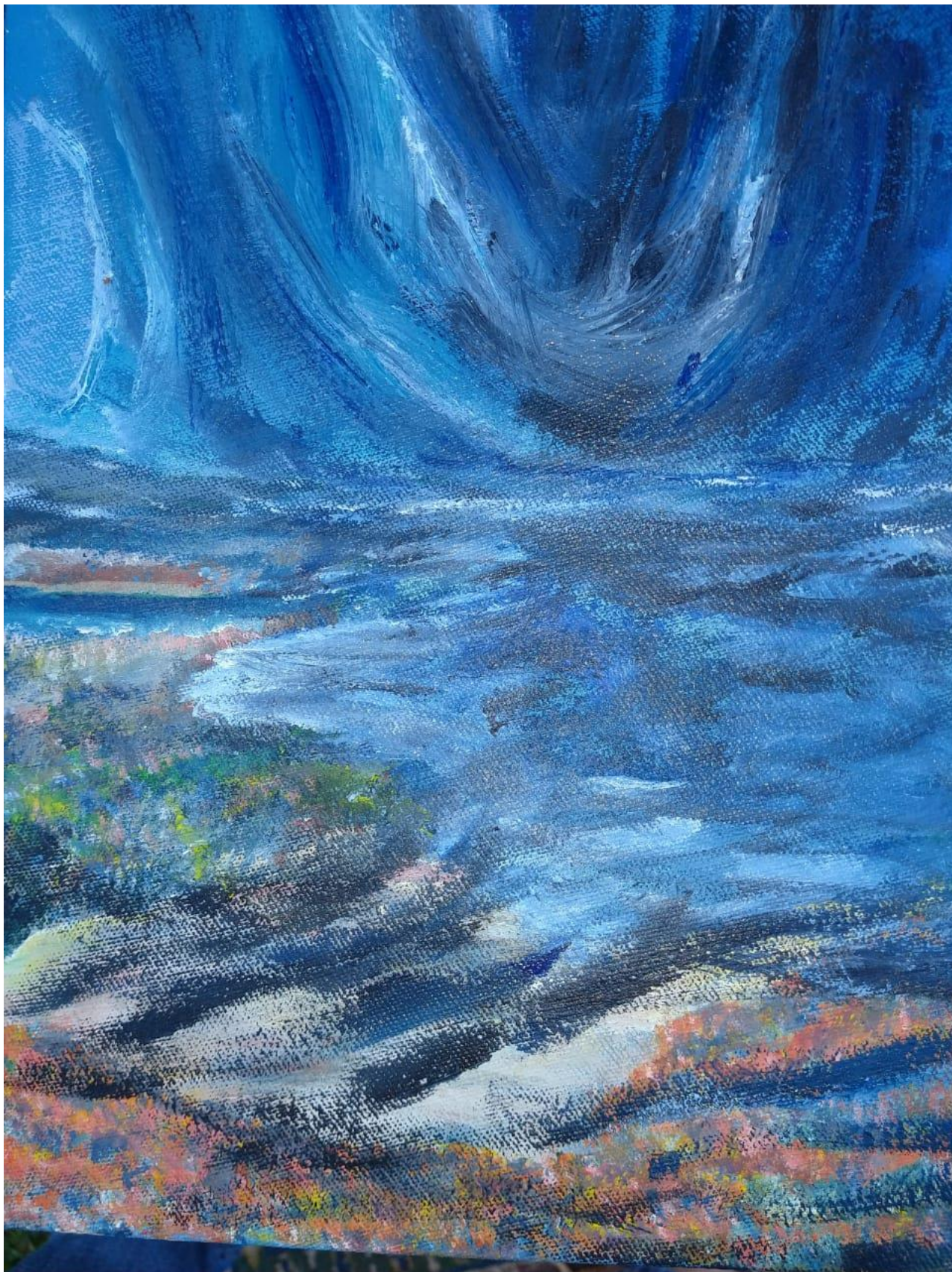
Série Viagens Fantásticas; imagem digital; 42 x 29 cm; 2014-2021

Andres Papa



Gabinetes-Cidades; díptico, aquarela, lápiz e nanquin; 21 x 29 cm cada parte; 2015

Angela Gentile



Natureza covid; óleo s/ tela; 20 x 30 cm; 2020

Angela Mello e Andre Metello



Curiosidade; fotografia; 42 x 30 cm

Anita Fizon



Memórias; fotocomposição digital impressa em canvas; 30 x 40 cm; 2021

Attilio Colnago



La muerte del angel; têmpera de ovo s/ tela; 90 x 50 cm; 2020

Augusto Herkenhoff



Primavera; fotografia, impressão fine arts; 30 x 30 cm; 2016; tiragem 5

Bahie Banchik



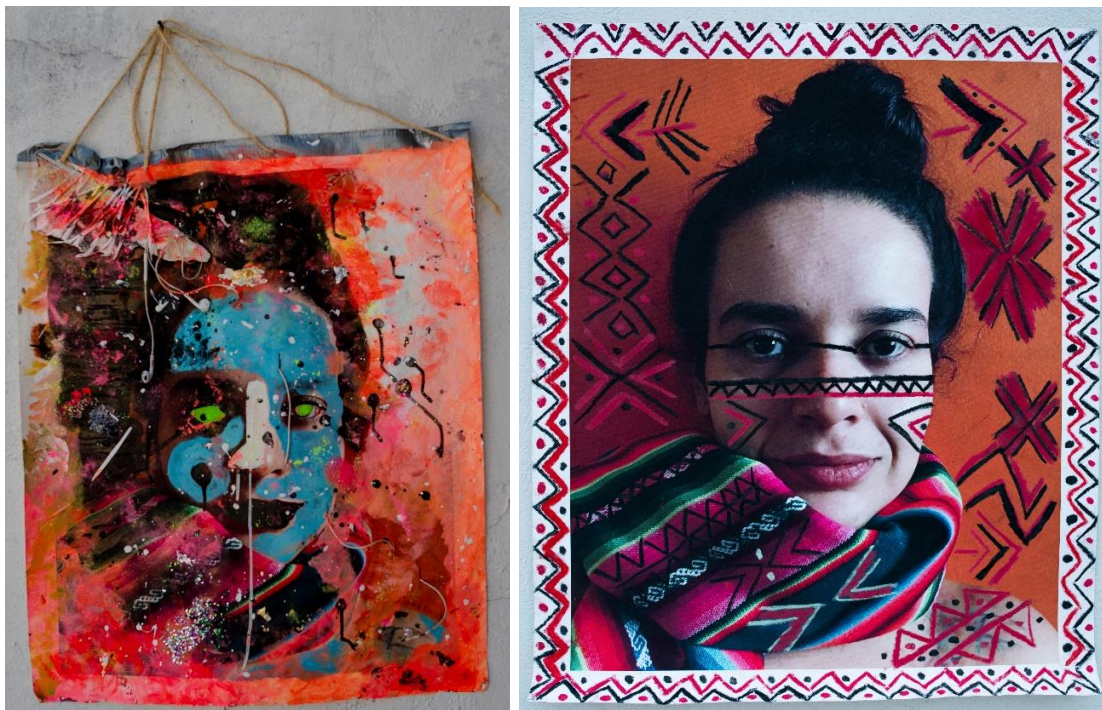
Rubrum in Polypus; diorama em caixa de madeira - colagem em papel, artefatos de costura e renda de organdí antiga; 51 x 38 cm; 2021

Bel Guimarães



Impressões/ espelho; acrílica s/ tela; 30 x 40 cm; 2021

Bel Mota



Exotic Nuclear Decay; peça 1 técnica mista impressão em canvas; 60 x 70 cm; 2021; peça 2: coprodução com a Etnia Kaiowa (Mato Grosso do Sul) e participação de diversos artistas, coleção da artista.

Trata-se de um trabalho que realizei como uma resposta à minha curiosidade sobre minha ancestralidade e ao mesmo tempo à minha angústia sobre a territorialidade dos traços faciais.

Benedito Neves Jr



Mini gabinete; técnica mista, acrílica s/ madeira de demolição; reproduções em papel de obras originais; 34 x 44 x 14 cm; 2021

Benjamin Rothstein



Troca de objetos; óleo e acrílica s/ tela; 78 x 64 cm; 2018

Carmen Givoni



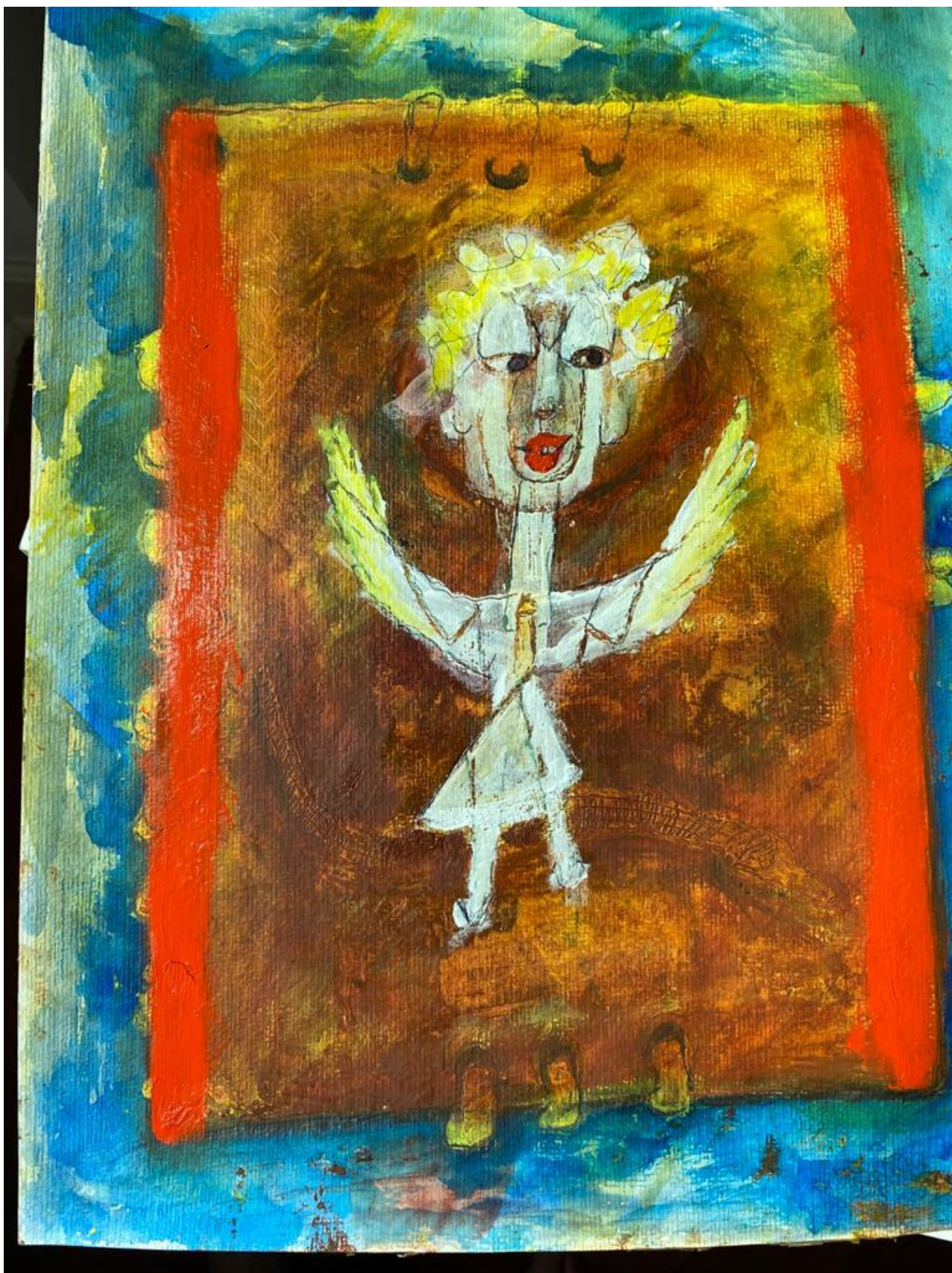
Encanto Tribal; fotografia em impressão fine art s/canvas com intervenção digital; 40 x 40 cm; 2021

Cecília Rondon



Posso te contar muitas histórias; tecidos pintados, colagens, envoltos em tule;
20 x 20 cm; 2021

Celia Gimenez



Angelus Novus, o Anjo da história; óleo s/Canson; 50 x 40 cm; 2021

Celina Noli



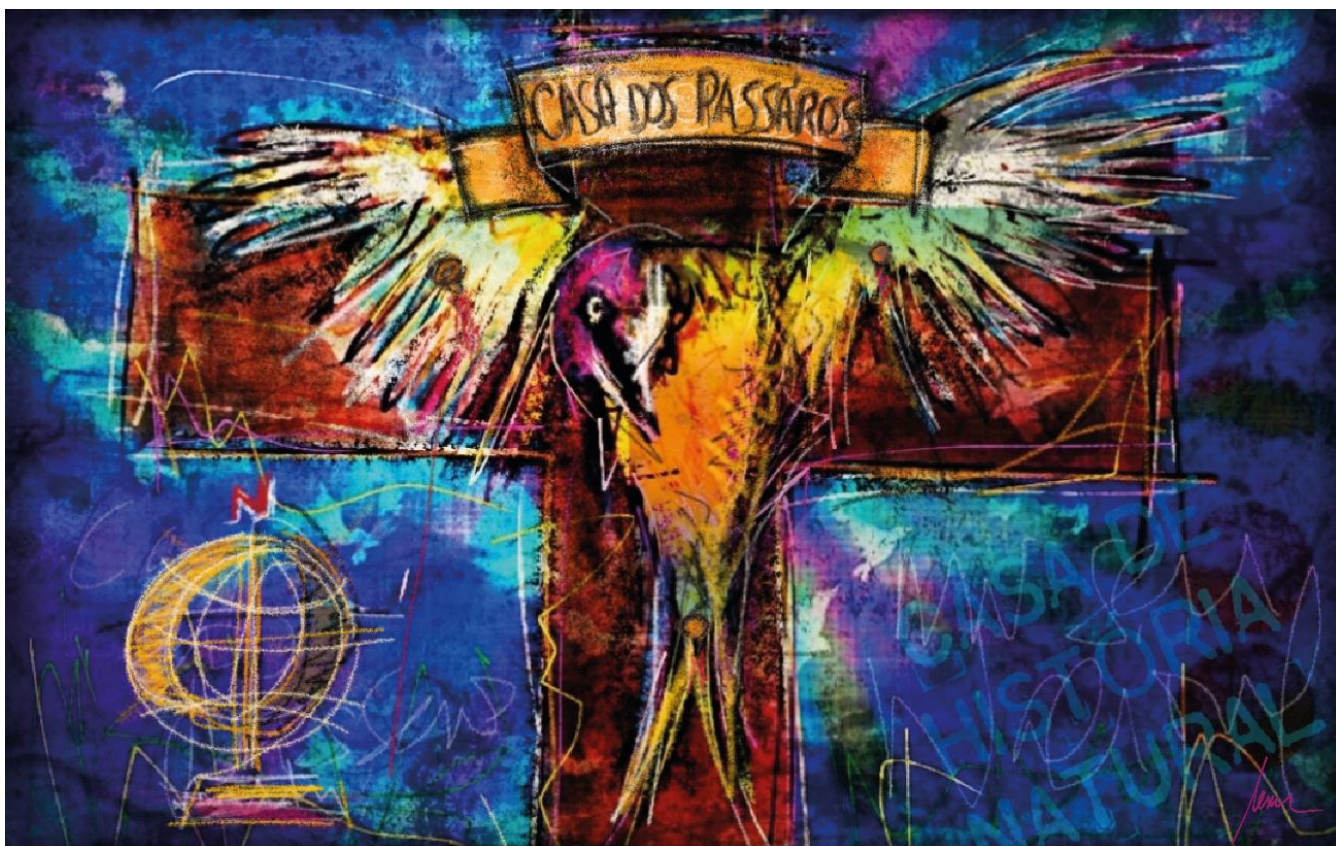
Sou meu próprio museu; fotografia trabalhada digitalmente impressa em papel
canson rag photographique 310gms, tiragem única; 80 x 90 cm; 2021

Celso Adolfo



Implantados; dentes, pedras, resinas; 10 x 20 cm; 2021

Cesar Paes Barreto



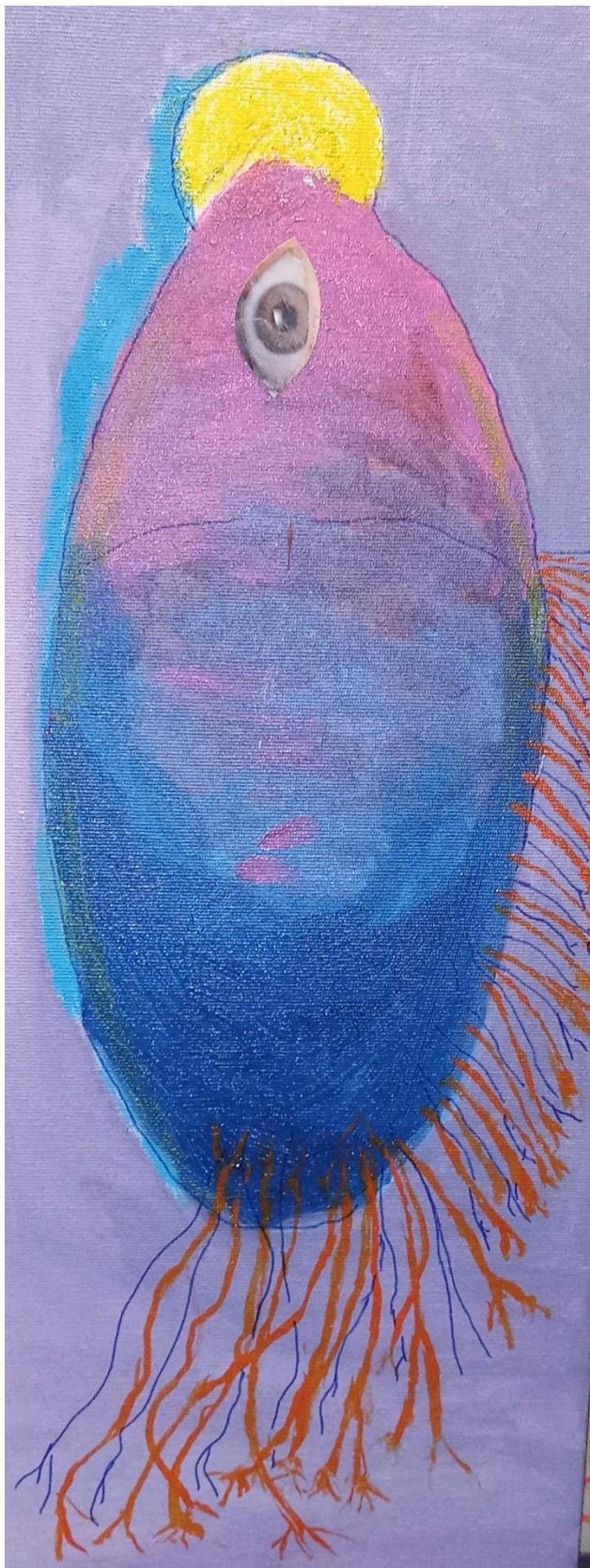
Casa dos Pássaros; arte digital em smartphone, impressão em canvas Canson matte 395 g com tintas de pigmento mineral; edição única; 60 x 40 cm e com 10 reprints impressão em papel Canson matte 180g com tintas de pigmento mineral, 30 x 42cm; 2021

Christian Quellmann



Olho nos olhos; fotografia; 30 x 40 cm; tiragem: 5; 2019

Christiano Whitaker



Peixe filamentado; acrílica, caneta hidrográfica, colagem, lápis cera; 50 x 19,5 cm; 2020

Claudia Watkins



Lagartixa Crucificada; técnica mista s/ tela; 180 x 200 cm; 2020

Clayton Ferreira



Caixa das memórias abandonadas, série Memorabilia dos seres; madeira, vidro, metal e materiais orgânicos; 30 x 30 x 15 cm; 2018

Conceição Durães



Sem título; arte digital; 30 x 40 cm; tiragem 1/5; 2021

Colecionar envolve escolhas, podemos colecionar objetos ou experiências e ir além do óbvio. O que dá lógica e sentido ao mundo? Beleza, cultura, segurança, dinheiro, poder? Qual é omissis objeto de desejo?

Cunca Bocayuva



No Gabinete; colagem digital de foto de desenho; 60 x 60 cm; 2021

Daniele Bloris



Máquina do tempo; colagem; 29,7 x 42 cm; 2021

Débora Carneiro da Cunha



No meu jardim, todas as mulheres são santas; instalação com 42 calendários de bolso; 10 x 07 cm cada; 2021

Deise Paiva



Sem título, série Louca Louça; pintura s/ porcelana e mista; 20 x 15 cm; 2021

Denise Araripe



Tangible Things; registro fotográfico de instalação com intervenção digital, impressão Fine Art; 40 x 30 cm; 2021; Tiragem 5

Denize Torbes



KUÊK- Exótico Objeto de Estudo; pintura e colagem (a partir da foto de Ricardo Stuckert) s/ papel; 33 x 25 cm; 2021

Quando comecei a pensar sobre o trabalho para a exposição Gabinete das Curiosidades, me lembrei que o escritor e liderança indígena Ailton Krenak havia falado que no Museu KunstKammer de San Petersburgo, ex Gabinete de Curiosidades, o mais antigo da Rússia, tinha uma coleção de peças dos Krenak. Não achei as peças e a pesquisa me levou ao KunstKammer da Alemanha. E finalmente, lendo as histórias das expedições, vemos o quanto as invasões massacraram os povos originários e suas culturas. No entanto, o que mais me estarrece é constatar que ainda existe discriminação, racismo e defesa do supremacismo branco entre nós, infelizmente. KUÊK é um exemplo de toda essa crueldade.

Dirce Fett



Caderno de tempo; fotografia digital com impressão fine arts; tiragem 1/5; 30 x 42 cm; 2021

Dora Portugal



A Cadeira; acrílica e colagem s/ tela; 30 x 40 cm; 2021

Dulce Lysyj



Gaveta da Curiosidade; fotografia, impressão fine art, tiragem 1/5; 35 x 40 cm; 2021

Edwiges Barros



Memórias de família; fotografia digital, impressão fine arts; cópia única; 15 x 20 cm; 2021

Elaine Fontes



Pizza de Rivotril; acrílica s/ tela; 40 cm diâmetro; 2016

Fernanda Mafra



Receituário Visual IV, 2020; pigmento natural, óxido de ferro s/ papel aquarela;
50 x 41,5 cm; 2020

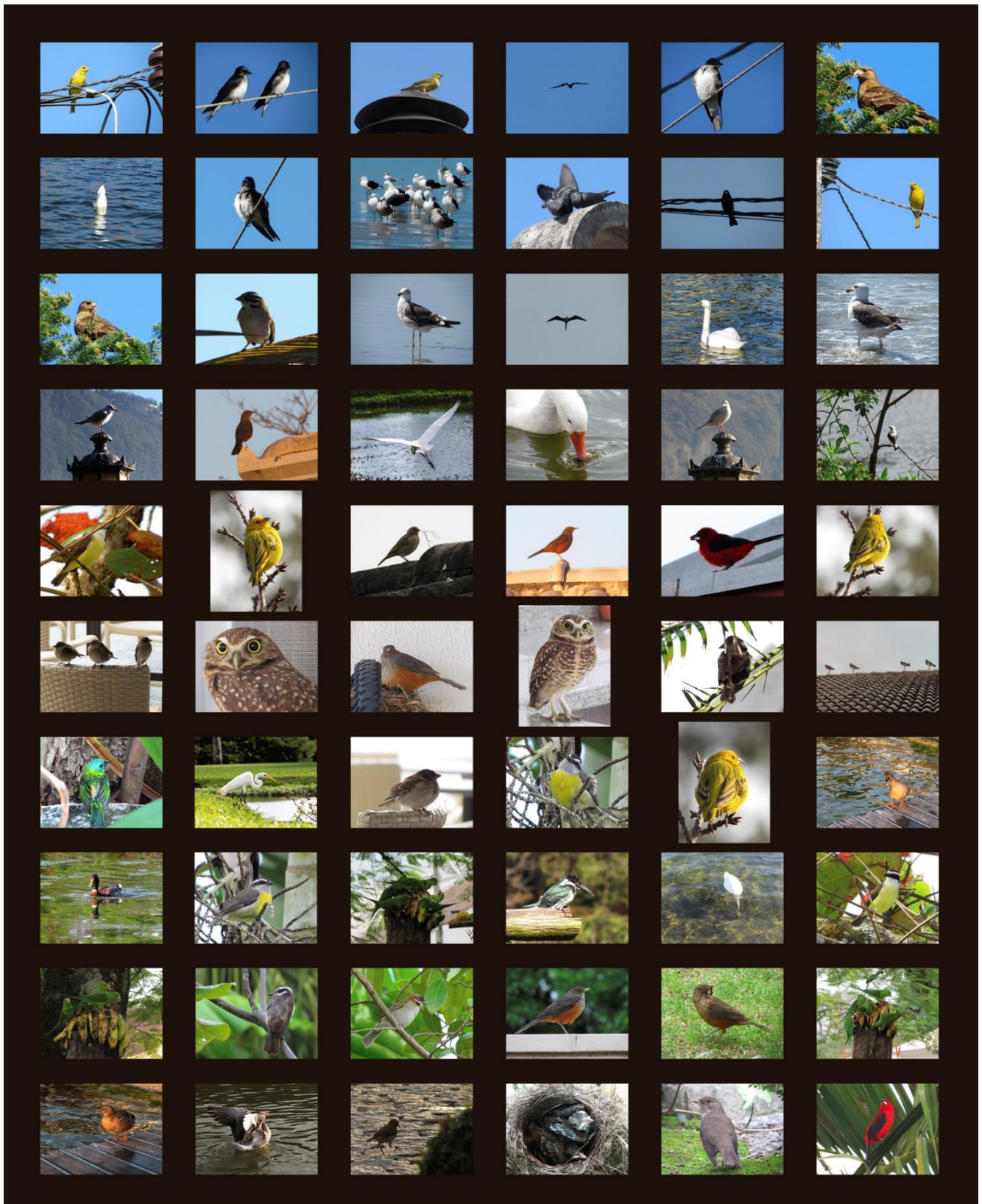
O Receituário Visual IV, 2020, é um caderno instalativo da série Panaceia. Em Panaceia, os cadernos são receitas visuais, criados a partir de uma composição que reúne um grupo específico de ervas e plantas, que juntas tem por interesse serem ativadas para os princípios para os quais foram formuladas, através do olhar.

Fernando Brum



Nascente; óleo s/ linho; 30 x 24 cm; 2021

Francinete Alberton



Liberdade! Asas são para voar; Fotografia impressão fine-art; 79 x 64 cm; tiragem 1/10; 2021

Galvão Jr.



Sem título; pintura s/ pedra; 20 x 13 x 8 cm (aproximadamente); 2020

Gilvan Nunes



Exército da paz; cerâmica colorida; 8 x 12 cm aproximadamente cada; 2020

Graça Pizá



M.O.T.I.M; instalação, grupos escultóricos, objetos diversos; 300 x 280 x 150 cm; 2021; fotografia Wilton Montenegro (Coleção da artista); fotografia, impressão fine arts s/ papel de algodão; 110 x 70 cm; 2021; tiragem 1/5

Guta Moraes



A matéria prima de todos nós; lava do vulcão Arenal - Costa Rica; vidro, fio de alumínio, madeira; 19 cm x diâmetro 8,5 cm; 2021

Helen Pomposelli



Ilusão da alma, série Reflexos da alma; Fotografia preto e branco, revelação e ampliação feita pela artista; 18 x 24 cm; 2021

Heloisa Alvim



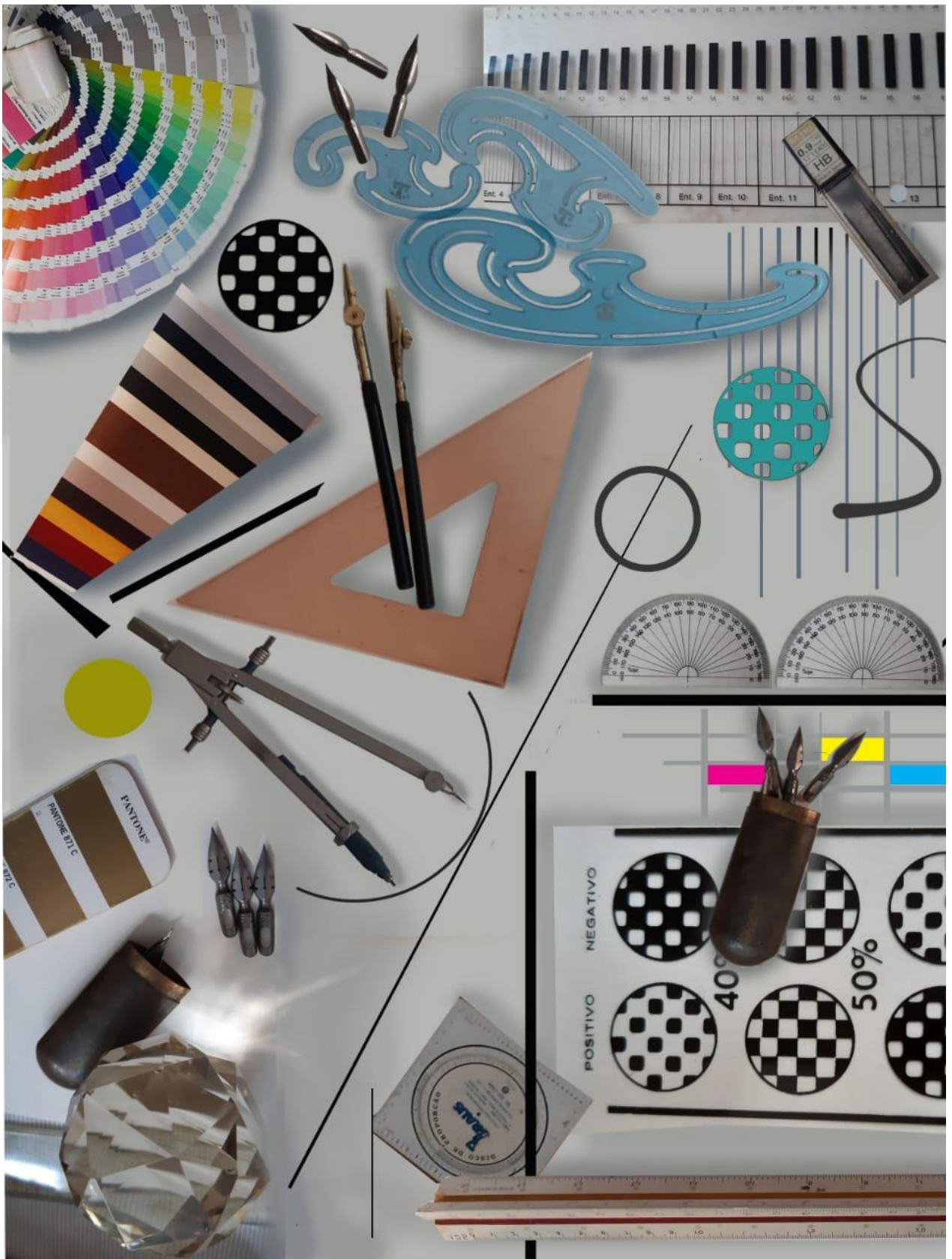
O Filosofo; barro de manganês com charmota a 980 graus; 27 x 20 x 12cm;
1973

Hilario Almeida



No espelho; óleo s/ tela; 80 x 60 cm; 2020

Hortensia Pecegueiro



Antes do computador; arte digital, impressão fine arts, tiragem 5; 30 x 40 cm; 2021

Ilda Fuchshuber Falacio



Pequenos coleccionadores de conchas; acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2021

Iraceia de Oliveira



Quimera; acrílica s/ prancha pluma; 50 x 50 cm; 2021

Isabella Marinho



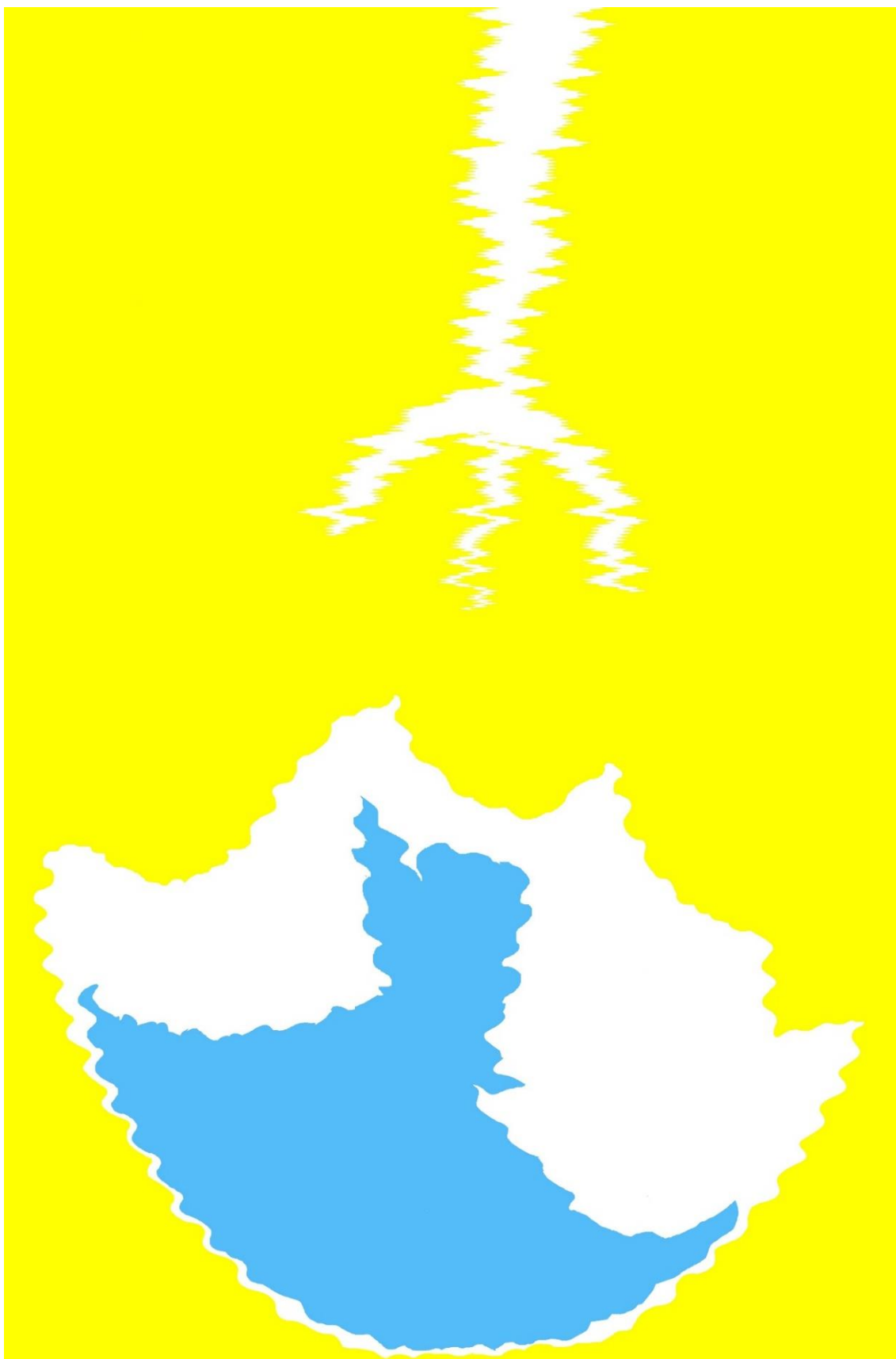
Sem título; acrílica s/ tela e colagem de tela s/ tela; 220 x 160 cm; 2004

Isis Braga



Inventário dos meus tesouros; fotografia digital editada por Photoshop; tiragem 1/10; 22 x 29,45 cm; 2021

Izabel Lucas



Entóptico, série Fosfeno; fotografia e arte digital impresso em papel Hahnemühle c/ moldura filete branca; tiragem 1/5; 30 x 40cm; 2021

Jarbas Paullous



Faxina; vídeo-performance; 60"; 2021 e fotografia; 30 x 60 cm; tiragem: 1/10; 2021

João Saboia



Coração; fotografia, impressão digital, tiragem 6; 30 x 40 cm; 1982/2021

Joel Gama



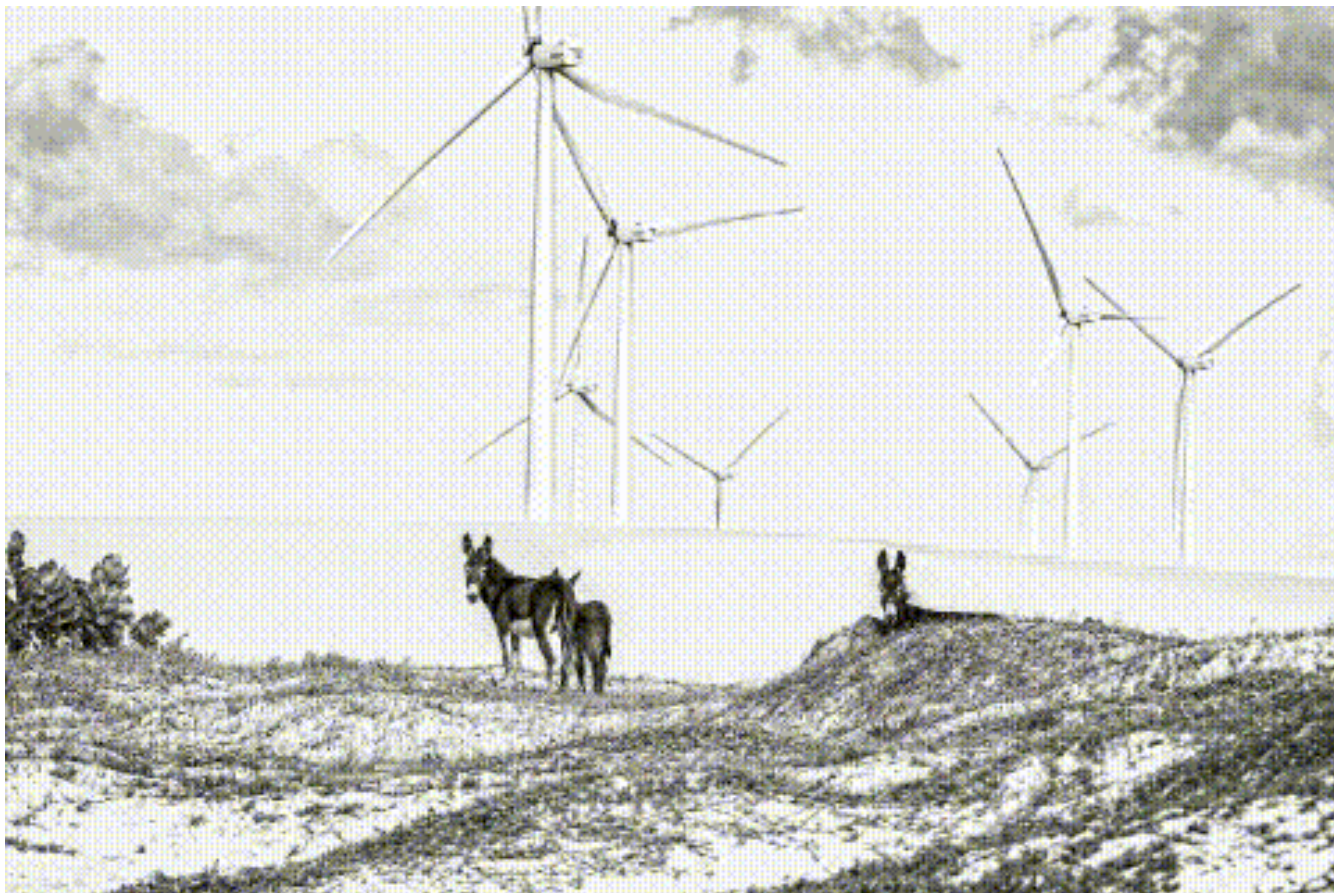
Obra Piazzollando; imprimi s/ aguada algodão misto; 60 x 120 cm sobre chassis; 2021

Jorge Cerqueira



Oratório - em nome da fé; madeira e vidro; 84 x 50 x 36 cm; 2001

Jose Senna



Está olhando para quem; fotografia impressa com jato de tinta em papel fine art semibrilho; tiragem 3; 40 x 30 cm; 2019

Katia Politzer



Café sem Princípios; instalação; 90 xícaras de cerâmica, porcelana, vidro e prata; café; 2 m diâmetro; 2021 (Coleção da artista); fotografia digital, impressão Fine Art sobre papel Rag 310g Hahnemuhle; 75 x 100 cm; tiragem: 1/5; 2021

Lando Faria



Coleção de fantasmas; fotografia, impressão fine arts; 100 x 80 cm; 2020

Leila Bokel



Cabideiro do atelier; acrílica, tecido, fio de algodão (15 peças); 2017/2020

Lenn Cavalcanti



Sem título; acrílica s/ tela; 60 x 60 cm; 2021



Córtice; políptico, fotografia digital, impressão fine arts papel Hahnemuhle Baryta; tiragem 10; 42 x 52 cm, cada foto cerca de 10 x 15 cm; 2021; coleção de árvores da flora brasileira, iniciando no alto à esquerda: sapucaia, caviúna, vinhático, chichá, araçá, mandrágora, cedro-rosa, pau-mulato, buriti.

Córtice é termo botânico usado para designar a "casca" das árvores, ou seja, a sua camada mais externa. Árvores têm personalidade, e todas externam suas mudanças de temperamento ao longo dos anos, crescendo mais ou menos, dando mais flores e frutos ou não. Em seu córtice, a árvore eterniza todos esses humores.

É um olhar o mais perto possível para formas de vida que nos circundam nas cidades, que constituem mundos à parte em florestas, mas que muitas vezes esquecemos que estão vivas. Nós humanos também criamos o nosso córtice com as experiências da vida boas, ruins, cicatrizadas ou não. Será que o mostramos de forma tão transparente como as árvores o fazem?

Leticia Potengy



Monstro; aquarela; 29,7 x 42 cm; 2021

Lia do Rio



Sem título; fotografia da minha estante, com os objetos que sempre estão ali;
30 x 40 cm; tiragem única; 2021

Liana Gonzalez



Collectio anaptias (Coleção de absurdos); técnica mista s/ placa de papel machê; 32 x 52 cm; 2021

Liane Briand



Mon Cabinet de Curiosité; técnica mista, colagem, cerâmica; 52 x 72 cm (ext) e 39 x 50 cm (int); 2021

Lizete Zem



Guardados; acrílica s/ cartão; 120 x 77 cm; 2004

Lucía Lyra



Monográfico; acrílica s/Canson; 29 x 42 cm; 2021

Luciane Villanova



A Coisa; fotografia digital impressa em papel 100% algodão Hahnemuhle
PhotoRag 308gsm; 30 x 45 cm; tiragem: 1/5; 2020

Lucio Volpini



Insetos de estimação; assemblage, técnica mista, diversos materiais; 50 x 30 x 15 cm; 2021

Luiz Antonio Norões



Sem título; óleo s/tela; 100 x 100 cm; 1987

Luiz Nogueira



Let's do the Copacabana; vídeo full-hd, 60"; 2021

QUE É CULTURA: E TUDO QUE É RELACIONADO AOS COSTUMES; HISTÓRIA; TRADIÇÕES, RELACIONADO A UMA SOCIEDADE.

UMA NAÇÃO DESENVOLVIDA PRESERVA SEUS MUSEUS. UM POVO QUE NÃO VALORIZA SUA HISTÓRIA, A LIBERDADE ESTÁ DANDO UM ADEUS.

PALEONTOLOGIA: O ESTUDO DE NOSSOS ANCESTRAIS E AINDA MAIS IMPORTANTE, HOJE EM DIA.

PELOS FÓSSEIS E PINTURAS RUPESTRES, A CIÊNCIA CRESCE MAIS DO QUE SE IMAGINA.

O PARQUE DA SERRA DA CAPIVARA, POR EXEMPLO: UMA MARAVILHA, NÃO TÃO LONGE DE TERESINA.

A MINERALOGIA, SEU CAMPO É TRANSCENDENTAL. ABRANGE METEOROS; OUTROS PLANETAS. ALÉM DOS MINERAIS DO DIA-DIA.

OURO; FERRO; BAUXITA; URÂNIO; PRATA, DENTRE OUTROS.

PODEM SER DIFERENTES, MAS RELUZEM E VALEM COMO OURO!

A GEOGRAFIA ESTUDA O MUNDO E SOCIEDADES.

É UM CAMPO AFIM COM A CARTOGRAFIA.

A PINTURA E ESCULTURA SÃO SUPER AFINS: SÃO ADMIRADOS E DIVULGADOS PARA DIVERSOS FINS.

A CERÂMICA E A TAPEÇARIA; AS ARMADURAS; AS ESTÁTUAS DE CERA; OS LUSTRES ETC. TUDO SÃO ARTES SEM FIM.

O MUSEU NACIONAL DA QUINTA DA BOA VISTA - MESMO TENDO SIDO INCENDIADO E MAL TRATADO - PERMANECE UM BELO PARQUE PARA VISITA.

O MUSEU DO AMANHÃ: TRANSFORMOU A DEGRADADA PRAÇA MAUÁ EM TALISMÃ.

O ESPAÇO TOM JOBIM: ENCHE DE ARTE UM NOBRE JARDIM.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL: UMA DAS MELHORES REFERÊNCIAS DE CULTURA NO BRASIL.

O MUSEU HISTÓRICO NACIONAL: AUTO RELÍQUIA SENSACIONAL!

MUSEU CASA DE RUI BARBOSA: LITERATURA; HISTÓRIA; ARTES, JARDINAGEM EM UMA EXPERIÊNCIA PRAZEROSA.

ESSES E MUITOS OUTROS... UM PASSEIO SUPER GOSTOSO!

TAL COMO UMA NOVELA: VALE A PENA IR E REVER DE NOVO.

ATÉ EXPOSIÇÃO VIRTUAL EXISTE: FICA EM CASA, COM ARTE! ESSE PRAZER TAMBÉM EXISTE.

Marcia Cavalcanti



Curiosidades; nanquim bico de pena s/ papel Canson; 55 x 50 cm; 2019

Marcia Clayton



O corte; fotografia, edição única; 45 x 32 cm; 2019

Marcia Rommes



Obra: 2020; registro fotográfico; 40 x 30 cm; 2020; tiragem 5

Marcio Atherino



Sem título, série Isolados; técnica mista; 30 x 42 cm cada; 2021

Marcio Wantroba



On; colagem e fotomontagem; 25 x 20 cm; 2021

Maria Cecilia Leão



Eu e minhas lembranças; fotografia digital impressa em fine art, papel Hahnemühle Photorag Barita 308 g; 30 x 40 cm; tiragem 1/5; 2021

Maria Lucia Maluf



serie Hostil/Sedutor; produção em alfinetes em bastidor; 30 cm diâmetro; 2020

Maria Perdigão



Sincretismo Oriente Ocidente; fotografia digital; 40 x 30 cm; 2021

MarQo Rocha



Alahu Akbar; acrílica s/lona; 80 x 180 cm; 2016

Marta Bonimond



Dance Dance Dance; técnica mista; 90 x 170 cm; 2021

Marta Strambi



Fala-me; grés, ferro, toalha, tecido e fone de ouvido; 90 x 62,4 x 10 cm; 2020; foto: Mauricius Farina

Martha Pires Ferreira



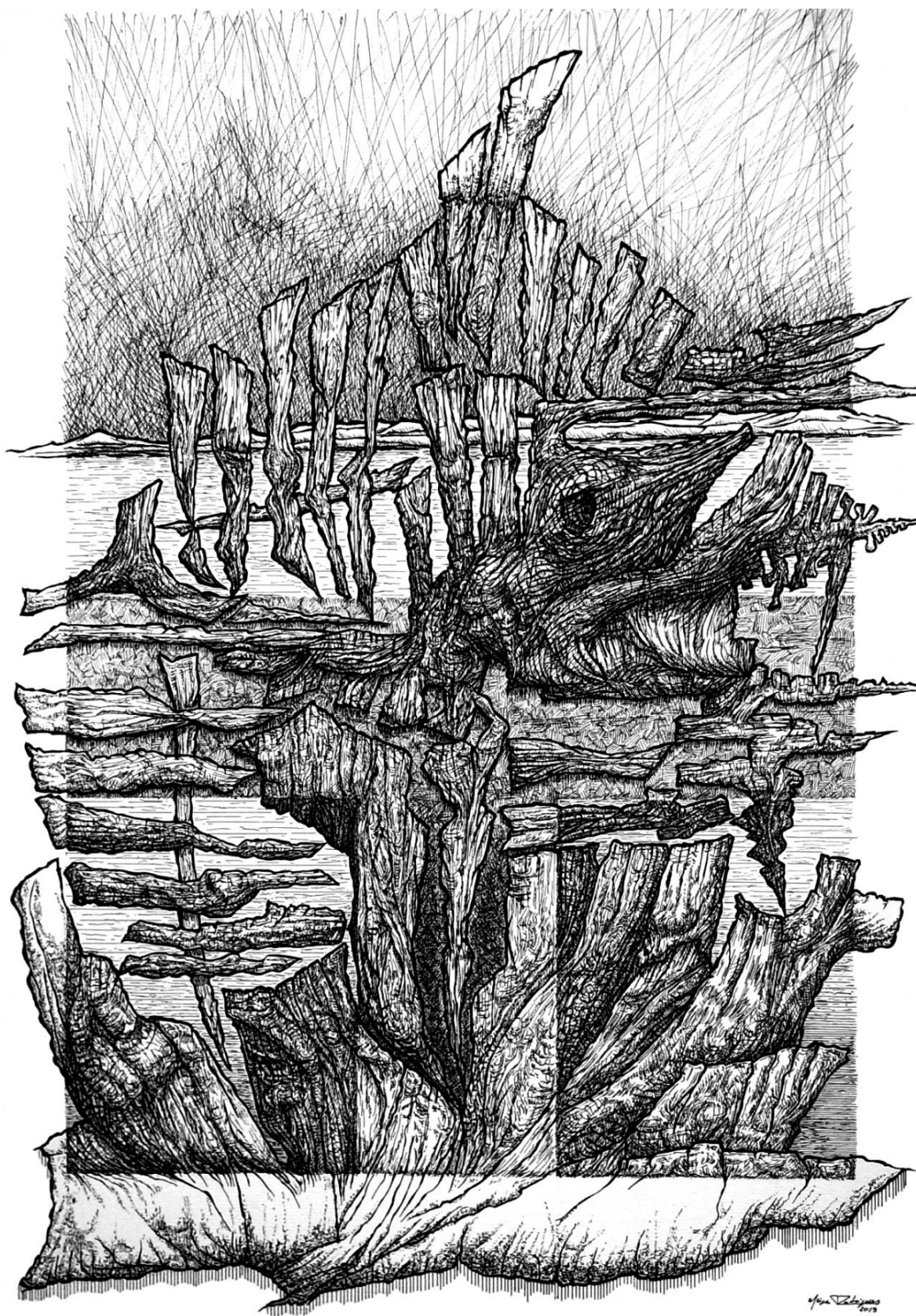
Incêndio MAM resíduos; resíduos do incêndio Museu de Arte Moderna – RJ – colagem; 66 x 28 cm; 1978

Maurício Theo.



Entrepasto Natural de Maringá, Visconde de Mauá; fotografia analógica PB; 23 x 30 cm; 1983

Meiga Rodrigues



Sem título número 20, da série Rabiscos; nanquim s/ papel; 66,5 x 46,5 cm; 2013

Miro PS

| | | | | | | | |
|-------------------------|----------------------------|--------------------------|----------------------|----------------------|-------------------------|-------------------------|------------------------------|
| Amar | Liefde Africâner | Dashuri Albanês | Liebe Alemão | Grá Irlandês | Ást Islandês | Amore Italiano | 愛 Japonês |
| ᄒᄒᄒ Amárico | حب Árabe | Ան Armênio | Sevgi Azerbaijano | Katresnan Javanês | ក្រមុំ Khmer | Urukundo Kinyarwanda | ໂຮງ laosiano |
| Maitasuna Basco | ভানবাসা Bengali | Каханне Bielo-Russo | အချစ် Birmanes | Amare Latim | Milestiba Letão | Meilė Lituano | Léift Luxemburguês |
| Ljubavi Bósni | Любов Búlgaro | ಪ್ರೀತಿ Canarês | Amor Catalão | Убов Macedónio | സ്നേഹം Malaiala | Cinta Malaio | ἜΙΙΑVANA malgaxe |
| Махаббат Cazaque | Gugma Cebuano | Chikondi Chicheua | 愛 Chines simples | Imħabba Maltês | Aroha Maori | ପ୍ରେମ Marata | Хайр Mongol |
| 愛 Chines Tradicional | rudo Chona | ආදරය Cingalês | 사랑 Coreano | माया Nepalês | Kjærlighet Norueguês | ପ୍ରେମ Oriá | مينه Pachto |
| Amore Corso | Ianmou Crioulo Haitiani | Ljubav Croata | Evîn Curdo | عشق Persa | Miłość Polonês | Amar Português | ਪਿਆਰ punjabi |
| Elsker Dinamarquês | Láska Eslovaco | Ljubzen Esloveno | Amor Espanhol | Сүйүү Quirguiz | Dragoste Romeno | Люблю Russo | Alofa Samoano |
| Amo Esperanto | Armastus Estoniano | pag-ibig Filipino | Rakkaus Finlandês | Љубав Sérvio | Lerato Sessoto | پيار Sindi | Jacayl Somali |
| Aimer Francês | Leafde Frísio | Gràdh Gaélico-Escocês | Amor Galego | Upendo Suailé | Kärlek Suéco | Asih Sudanês | Мухаббат Tadjique |
| Cariad Galês | სიყვარული Georgiano | Αγάπη Grêgo | Լվ Guserate | รัก Tailandês | காதல் Tâmil | Мәхәббәт Tártaro | Milovat Tcheco |
| Loveauna Hauçá | Aloha Havaiano | הבהא Hebraico | प्रेम Hindí | ప్రేమ Telugo | Aşk Turco | Söýgi Turcomano | Любов Ucraniano |
| Hlub Hmong | Liefde Holandês | Szeretet Húngaro | Hunanya Igbo | مۇھەببەت Uigur | محبت Urdu | Sevgi Uzbeque | Yêu và quý Vietnamita |
| עביל Ídiche | Cinta Indonésio | Love Inglês | Ife Iorubá | Uthando Xhosa | Uthando Zulu | 0100000 101101101 | 01100001 01110010 Binário |

Amar em qualquer língua; gravura digital, impressão fine arts em papel Canson, tiragem 1/5; 50 x 70 cm, 2021

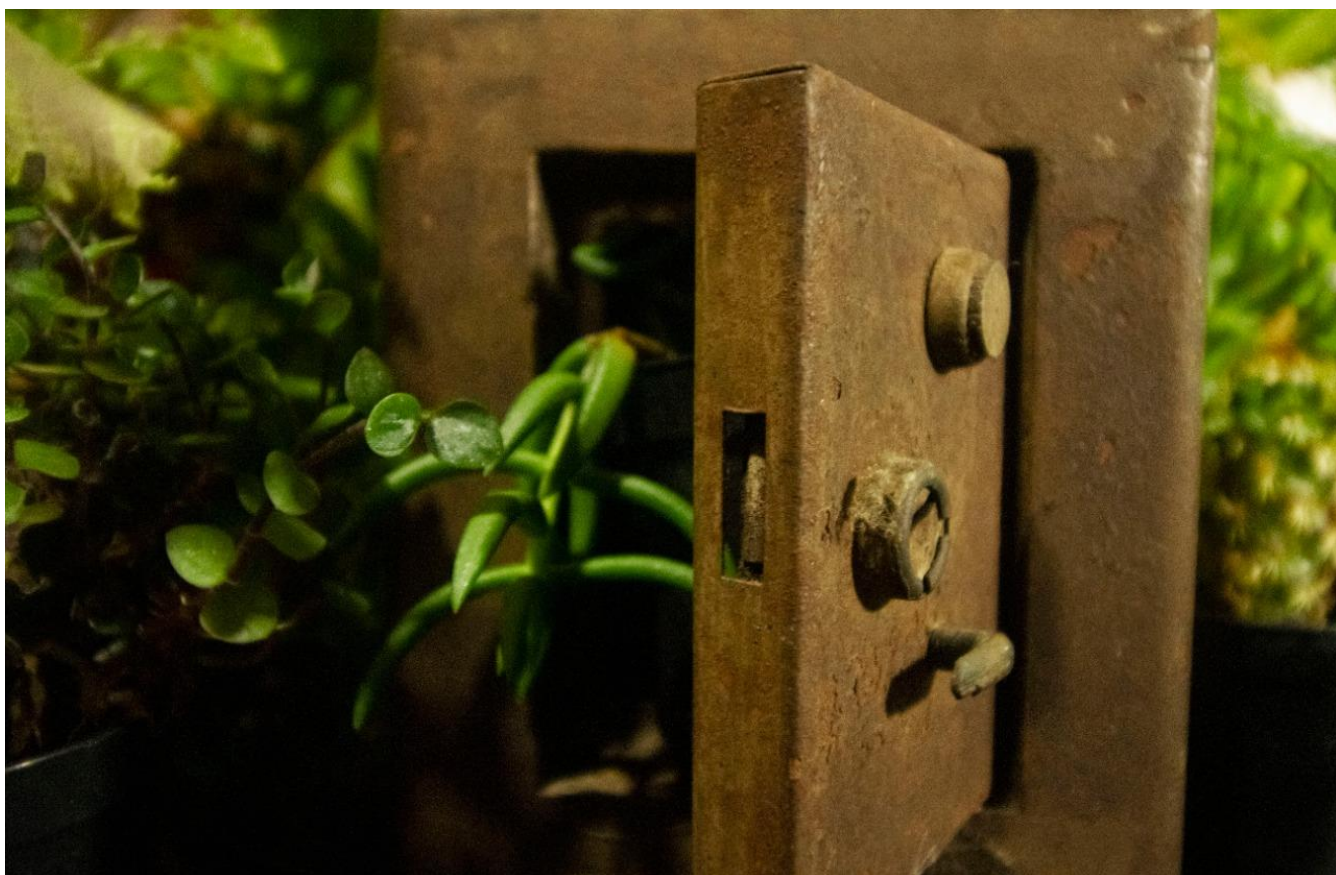
Moema Branquinho



Lembrança 2021; instalação com 9 caixas com distintos materiais, desde naturais, industriais ou produzidos; descrição: (1) metal tela galvanizada (2) pedras e vidro (3) fragmentos de madeira corroído por xilófago (4) troncos e cascas de árvore (5) fotografias paisagens (6) vidro, transparência, base da taça de vinho, composta em diferentes ângulos (7) fotos de obras autorais (8) pedrinhas, cacos de vidro, puídos pela onda do mar e uma bola de gude desgastada, mas essa pelo tempo... (9) duas pequenas esculturas (se compõem negativo/positivo). Peças autorais feitas com argila e engobe (Coleção da artista). Sem dúvida não posso deixar de pensar no filósofo francês Gaston Bachelard, recomento a leitura do livro A Poética do Espaço.

Registro fotográfico de 9 caixas que compõem a instalação Lembrança 2021, impressão fine arts; 42 x 50 cm, tiragem 1/5; 2021

Nanda Cruz



Naturalia Exotica; fotografia impressa em celulose Canson 180g; 40 x 26 cm;
2021; tiragem 1/10

Nilton Pinho



Gyula Mándi; assemblage com papel de Gillette e pintura s/ eucatex; 40 cm diâmetro; 2020

Papel Gillette da década de 60 que pertenceu ao meu tio e tinha no verso escrito "Gyula Mándi", que foi zagueiro e gerente da Seleção Húngara de 54, da qual o meu tio era um admirador.

Noemi Ribeiro



Tesourada; desenho digital a partir de fotografia, impressão giclée em papel Canson 100% algodão, tiragem 1/5; 29,7 x 14cm; 2021

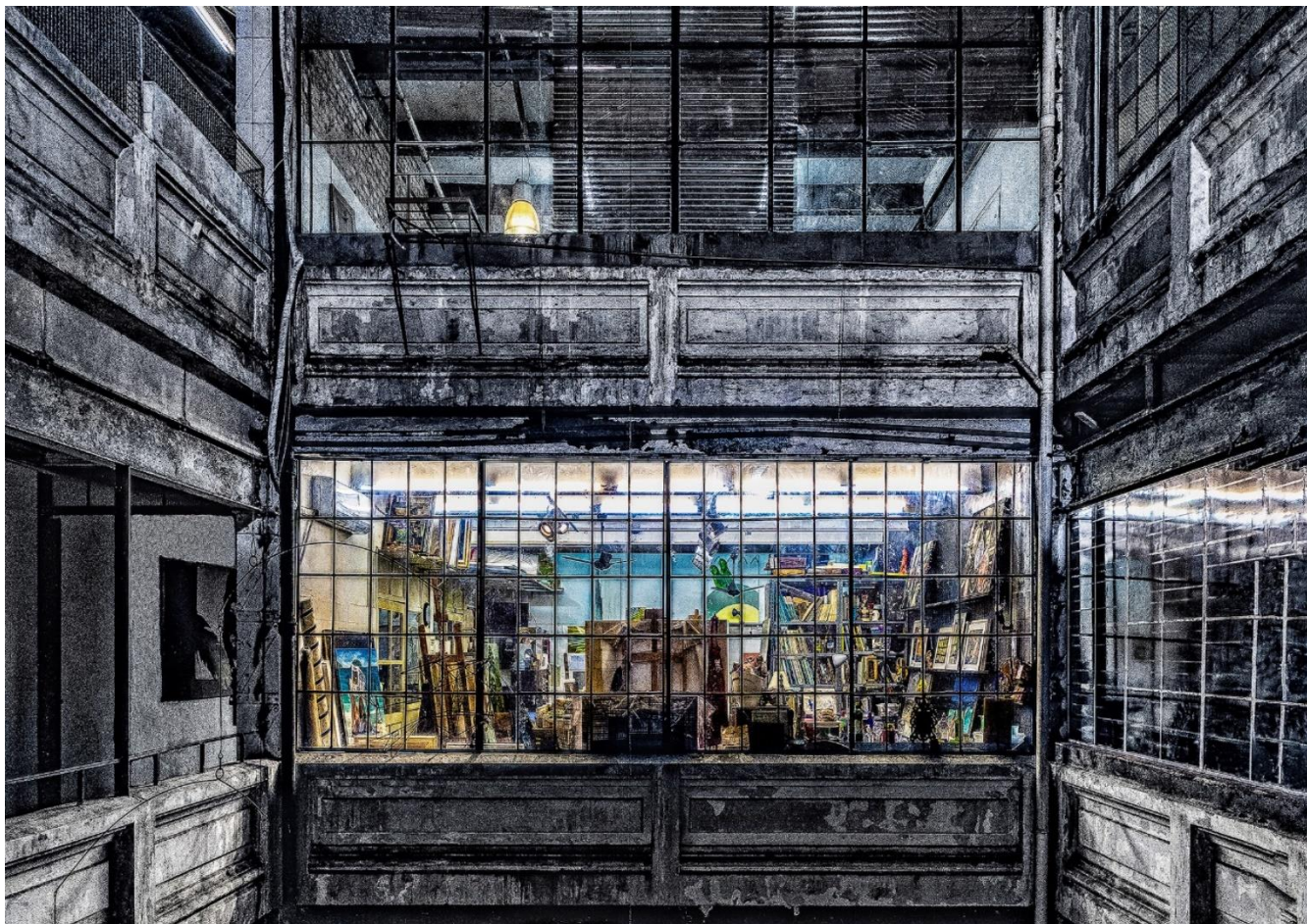
Como dizia Hélio Oiticica – Museu é o Mundo. E, o mundo feminino que se esconde nas gavetas é um mundo silencioso e invisível, mas que constrói um lugar político e cultural a ser ocupado

Paloma Carvalho



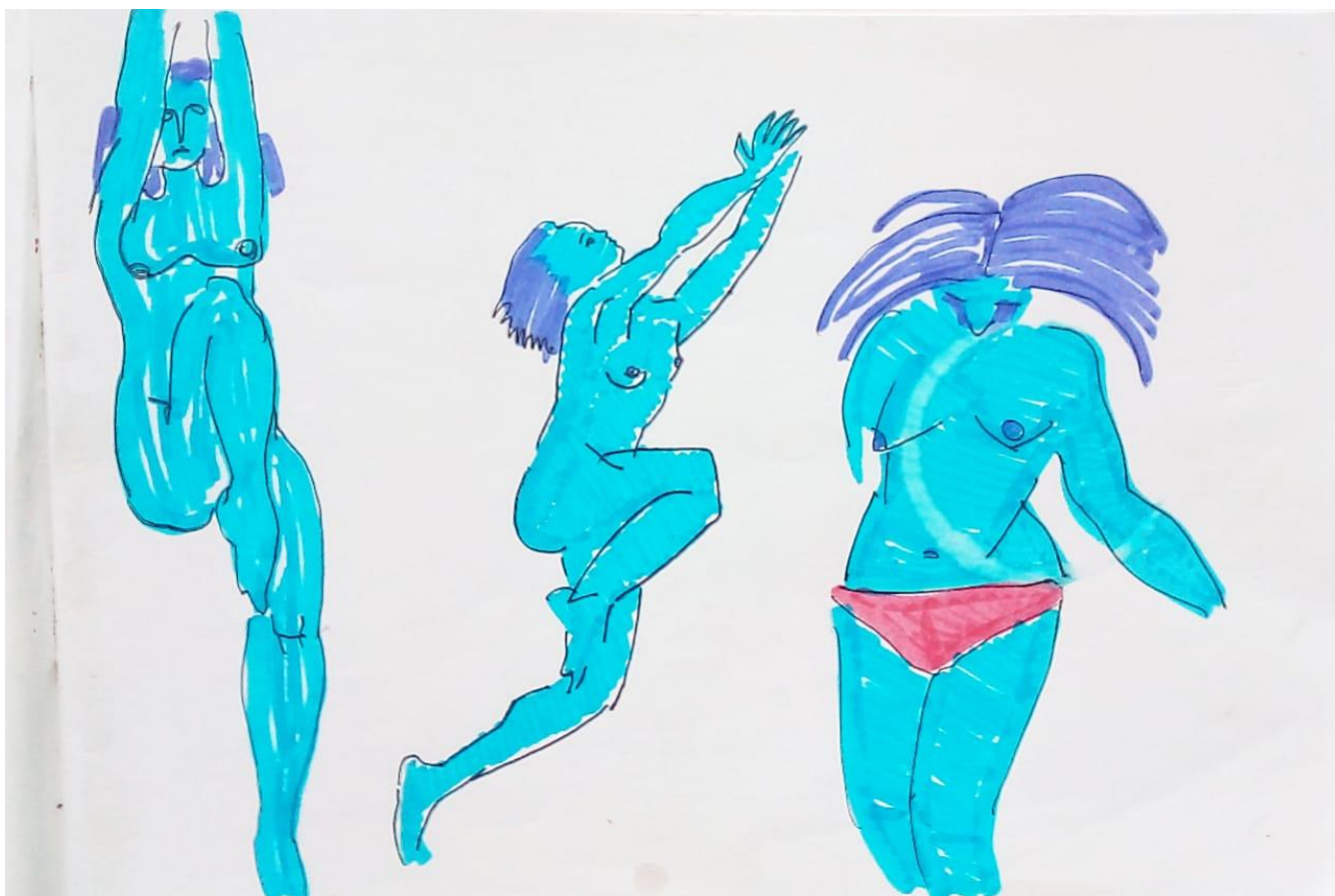
Pigmentos preciosos; pintura s/ poliéster; 16 x 22 cm; 2021

Paulo Mittelman



Artist's Shelter; fotografia trabalhada digitalmente, impressão fine art com tinta de pigmento mineral s/ papel especial de algodão; 29,7 x 42 cm, tiragem:10; 2021

Pedro Bento



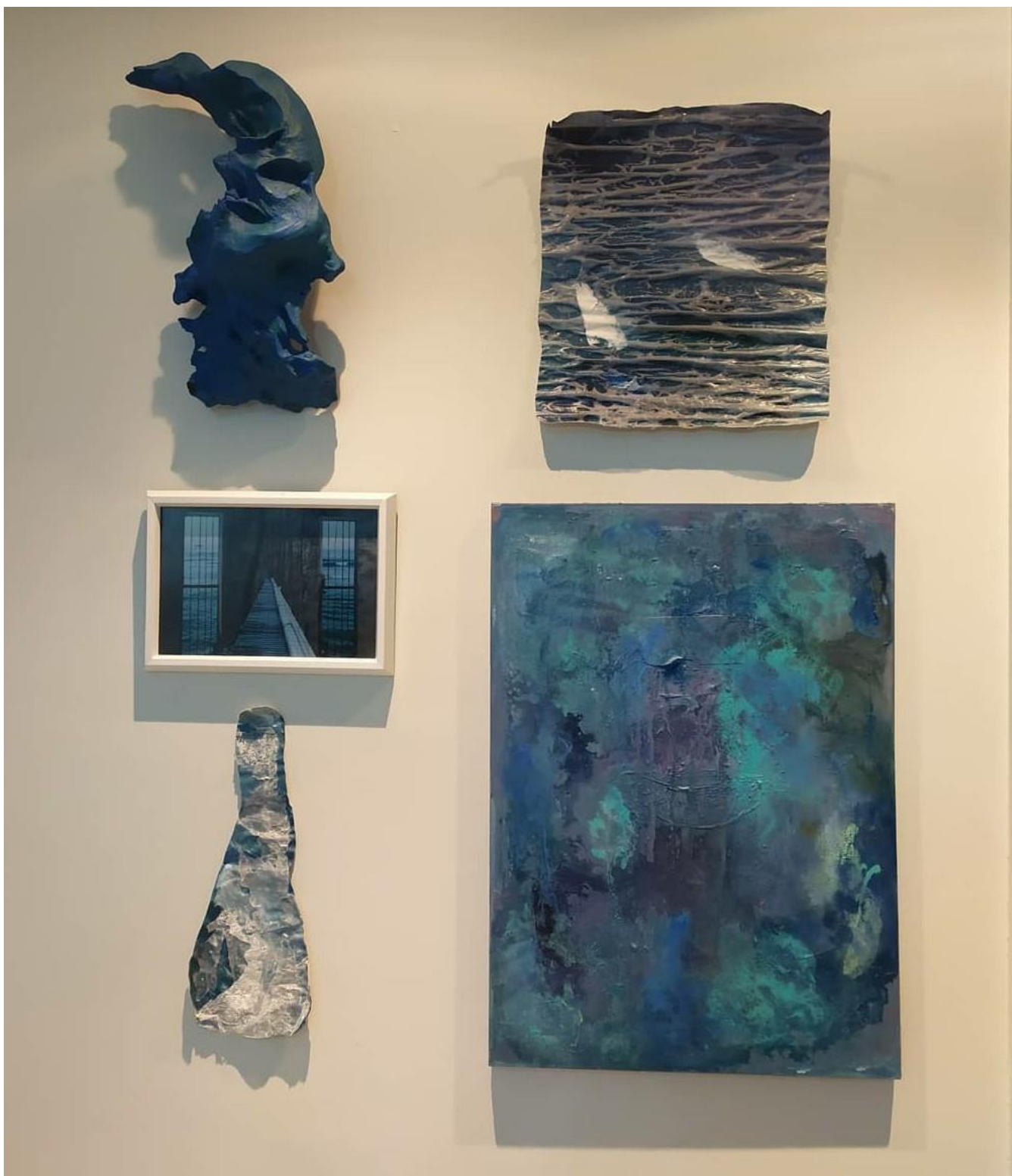
Meninas azuis; hidrográfica e nanquim s/ papel; 30 x 40 cm; 2013

Ragnar Lagerblad



Carne e osso, parte 1; feto humano com placenta no formol, recipiente trabalhado com relevos em gesso, tempera de ovo e folha de ouro s/madeira; 25 x 15 x 13 cm; circa 1997 (Coleção do artista); fotografia impressão fine arts; 36 x 34 cm; tiragem 10; 2021

Raquel Camacho



As vezes o sentido das coisas é a queda; madeira, acrílica e óleo s/ tela, fotografia, papel; medidas variáveis; 2020

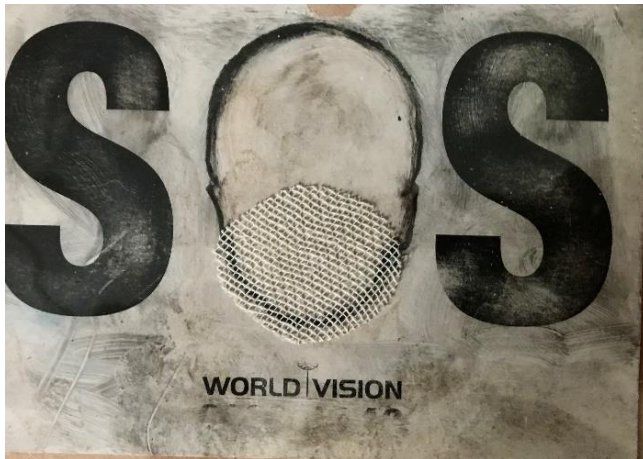
Regina Moura



Arqueologias; fotografia com intervenção de grafite e aquarela, impressão fine arts; 40 x 32 cm; 2021

Um gabinete de curiosidades guardado em meu olhar, em meus objetos quase talismãs impregnados de memórias, afetos, viagens.
conforme Adélia Prado, "arqueóloga, quero pôr o bonito numa caixa para abrir de vez em quando...e olhar"

Renata Barros



SOS; tecido, interferência no papel e gaze; 2015

Lavagem cerebral; fotografia em papel e fotografia sobre vidro com sabão recortado em caixa de madeira; 12 x 12 cm; 2021

Coração por um fio; pintura, prego e linha; 1998

Lavagem cerebral 2; fotografia em papel e fotografia sobre vidro com sabão recortado em caixa de madeira; 12 x 12 cm; 2021

Roberto Negri



Gabinete de Curiosidade 2071; colagem s/ papel canson 300gr; 30 x 42 cm; 2021

Roberto Tavares



Maquete de lixo, série Gabinete catástrofe; fotografia digital, impressão fine arts/ papel 100% algodão; 40 x 40 cm; 2021

Rosangela Soares Pinto

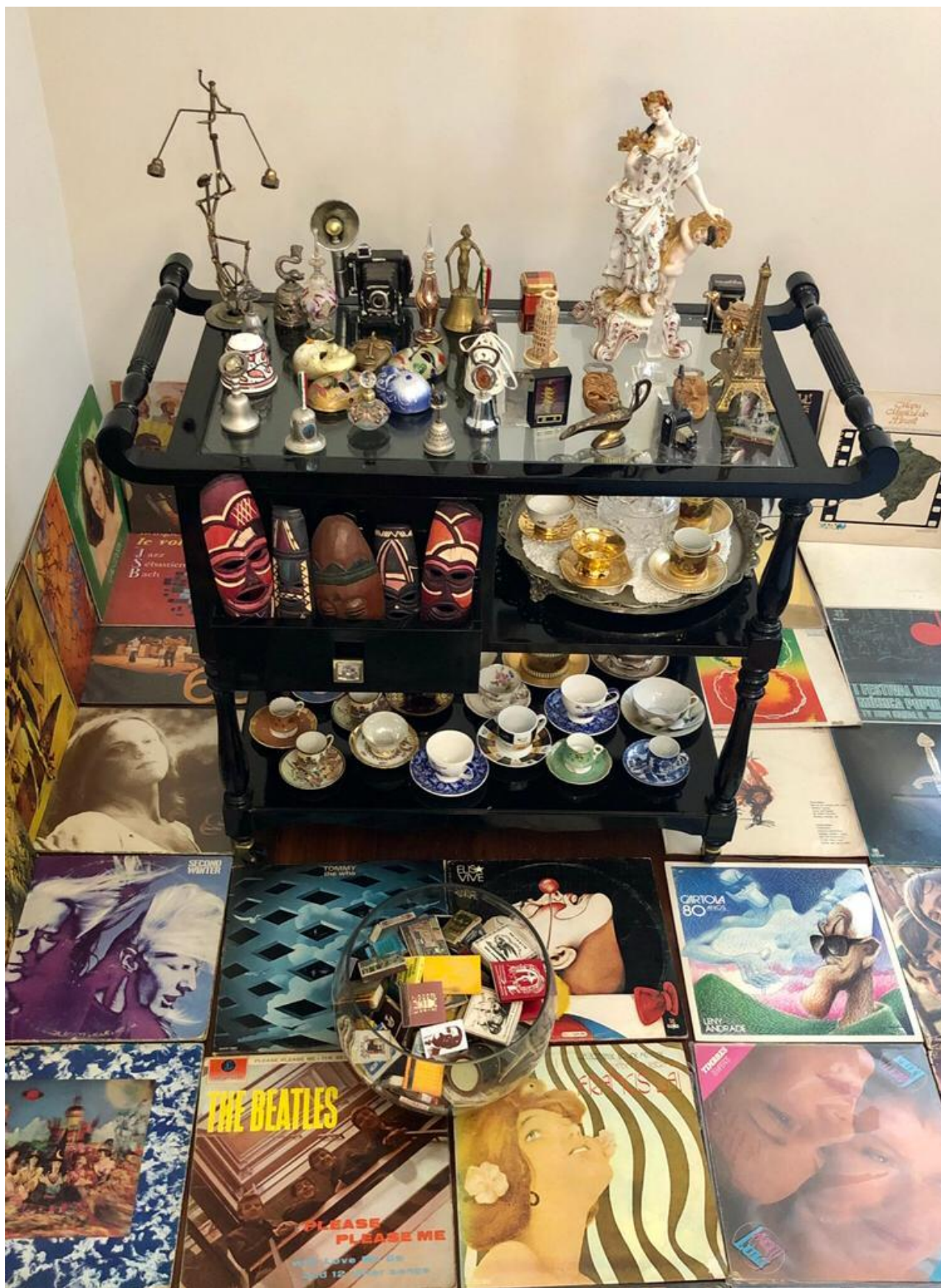


Bolinha de golfe e gude; fotografia digital de coleção bolinhas de gude, impressão fine art, tiragem 1/5; 30 x 40 cm; 2021

A bolinha de golfe e gude

Zequinha tem uma coleção de bolinhas, várias de gude e uma de golfe. Nos anos 70 Zequinha era craque no jogo de bolinhas de gude, raramente perdia uma competição. Com destreza e visão certa era rápido para gritar as regras do jogo. A cada vitória uma bolinha colorida ia parar na caixa de conquistas. Ao todo o seu tesouro ficou em 520 bolinhas. Ao rever a sua coleção retornou aos anos dourados, uma mistura de saudades e melancolia invadiu a sua alma. Voltou-se para a bolinha de golfe e disse: essa é uma longa história.

Rose Aguiar



Coleções; fotografia digital, impressão fine arts; 30 x 40 cm; 2021; tiragem 10

Rose Nobre



Gabinete de curiosidades de minha avó; assemblage; 20 x 40 x 23 cm; 2021

Fico aqui me perguntando qual seria o Gabinete de Curiosidades da minha Avó que faleceu em 1965?

Rosi Baetas



Impressão de Saramago; técnica mista, desenho e fotografia em papel fine art; tiragem 1/3; 78 x 53 cm; 2021

Salazar Figueiredo



Fundo de gaveta; junções de tiragens (prova de estado) de gravuras, fotografadas e impressas sobre tecido com colagem sobre um fundo de gaveta de madeira; 32 x 42 x 7 cm; 2021

Sandra Gonçalves



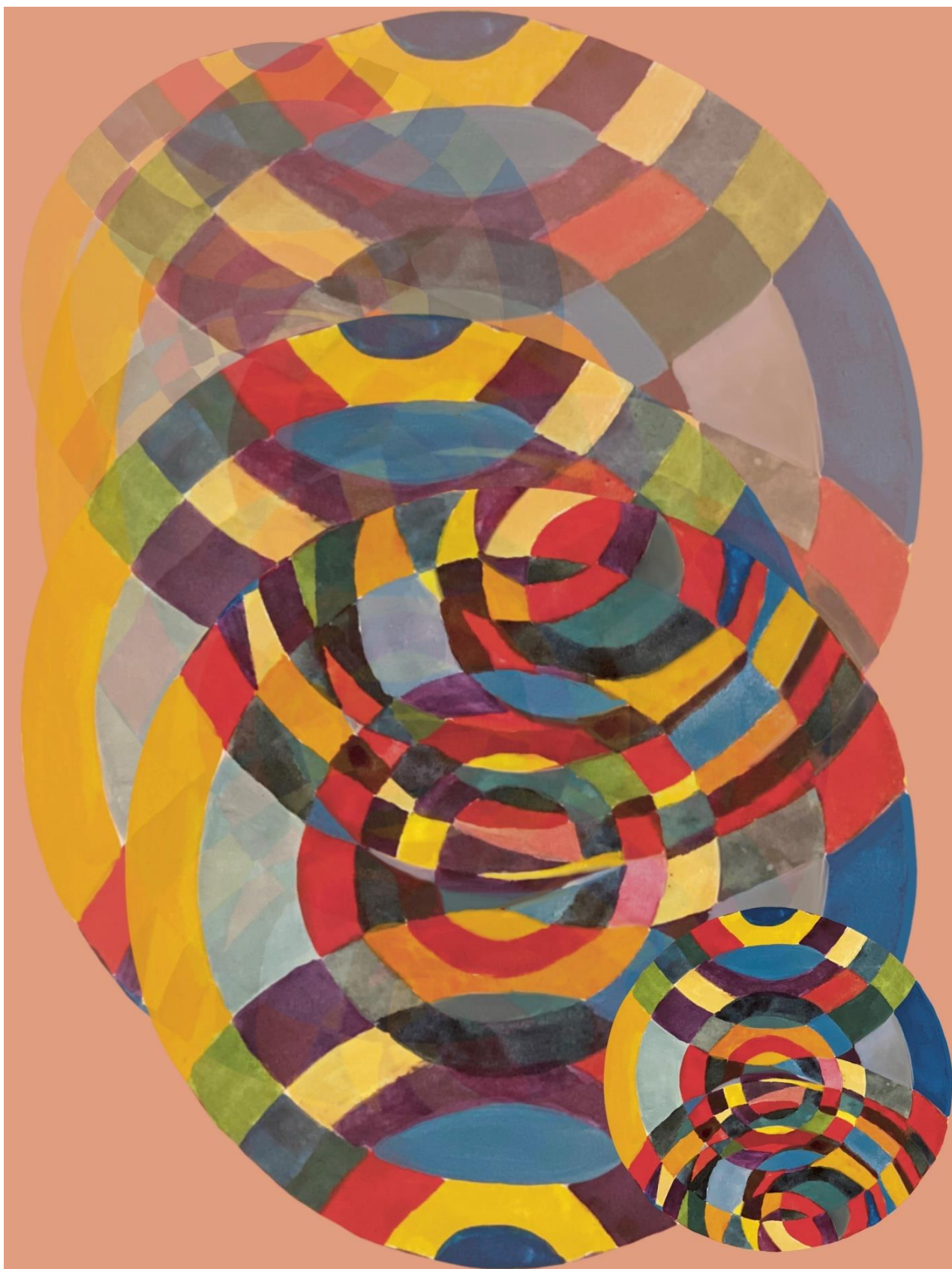
Untitled #01, da série Tudo dança, transmutação; sobreposição de imagens, fotografia, impressão pigmento mineral s/ papel algodão; 108,76 x 67,56 cm; 2020; tiragem 10

Sandra Macedo



Te peguei!; fotografia; cópia única; 30 x 30 cm; 2021

Simone Trombini



Entre o passado e o futuro; aquarela com interferências digitais; 133 x 100 cm; 2021

Sissi Kleuser



Livro de artista; colagem s/ tecido; tiragem única; 19 x 28 x 3 cm; 2018

Sonia Camacho



HELICÔNIA HIRSUTTA BURLE MARX II (Cultivada no sítio Roberto Burle Marx); aquarela 300g/m² Canson; 29 x 21 cm; 2021

Sonia Xavier



Cenas do cotidiano; instalação: caixas de madeira com objetos, colagens e pinturas em acrílico; 114 x 93 cm; 2019

Teresa Coelho



Sem título; têmpera e acrílica s/ tela; díptico, 61 x 122 cm; 1985

Teresa Stengel



Florestas Urbanas; gravura em metal sobre papel japonês/colagem; 180 x 80 cm; 2021

Teresinha Mazzei



Amor para todo o Mundo; assemblage: colagem de tecido, papel, tampinha folheada, jornal, espuma expandida, infoarte, vidro, ágata, acetato, porcelana, material orgânico. Textura, folheação ouro, caneta posca, tinta acrílica, caneta ouro; suporte eucatex; 30 x 40 cm; 2018/2021

Téssara



Áurea razão; assemblage e pintura; 46 x 70,5 cm; 2021

Tina Velho



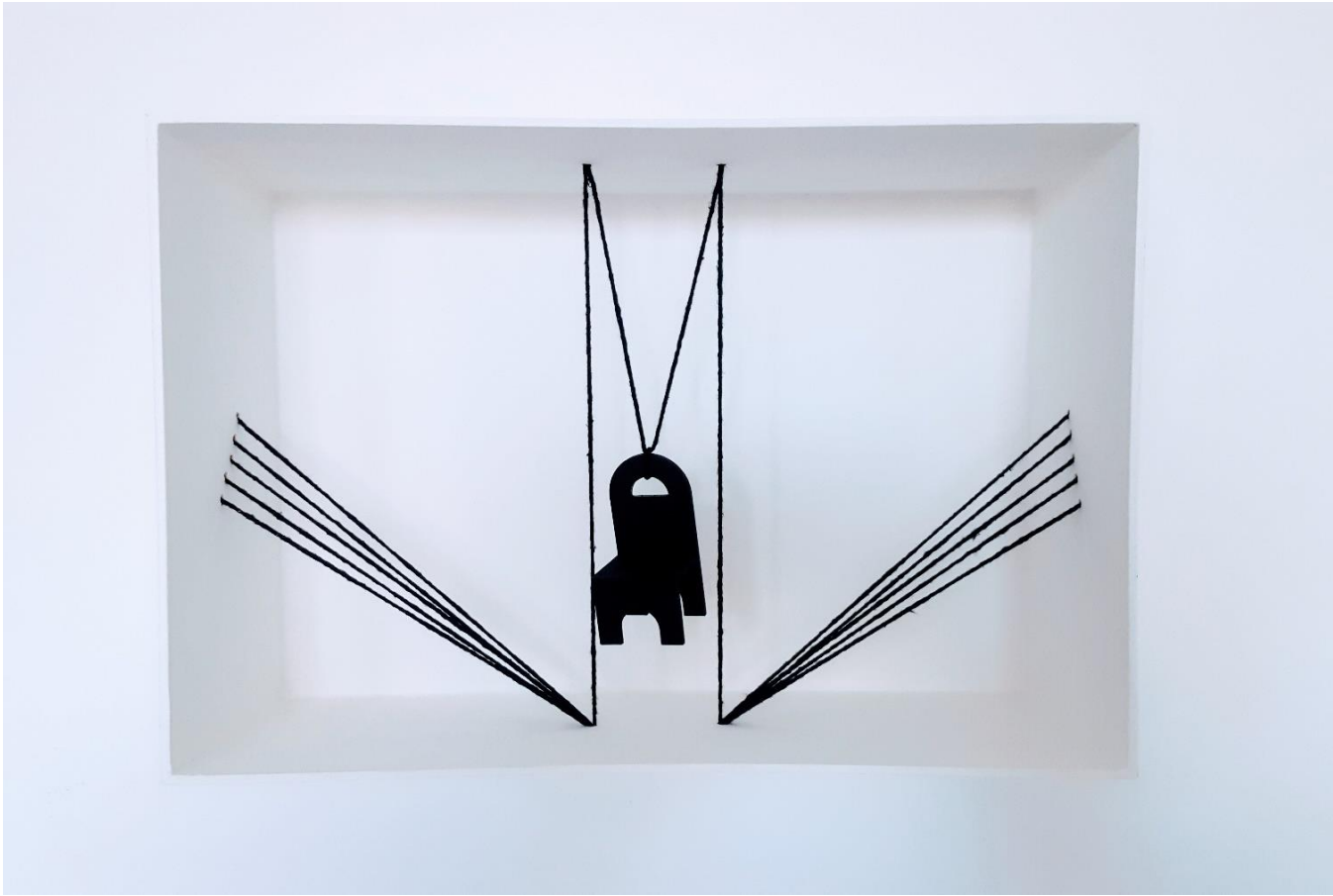
O Faqueiro de Penas; objeto; 56 x 23 x 43 cm; 2019; crédito fotográfico: Luiz Alphonsus

Vania Pena C



Após – 2009, série Preposições; foto sobre foto analógicas, resíduos industriais e relógio de família (início do século XX) em suporte de madeira; 17 x 11 cm; 2009

Vânia Vica



Prospecto Espacial Mobile (proposição instalativa - p1); escultura: caixa em MDF pintada, miniatura de cadeira em MDF pintada, barbante preto, cola bonder; 37 x 29 x 13 cm; 2021

VeraLu



Códice; óleo s/ tela; 100 x 130 cm; 2021

Vicente Duque Estrada



Sombras, série olhares sobre Santa Teresa; fotografia digital, impressão fine arts, tiragem 1/100; 40 x 30 cm; 2013/2016

Vilma Lima



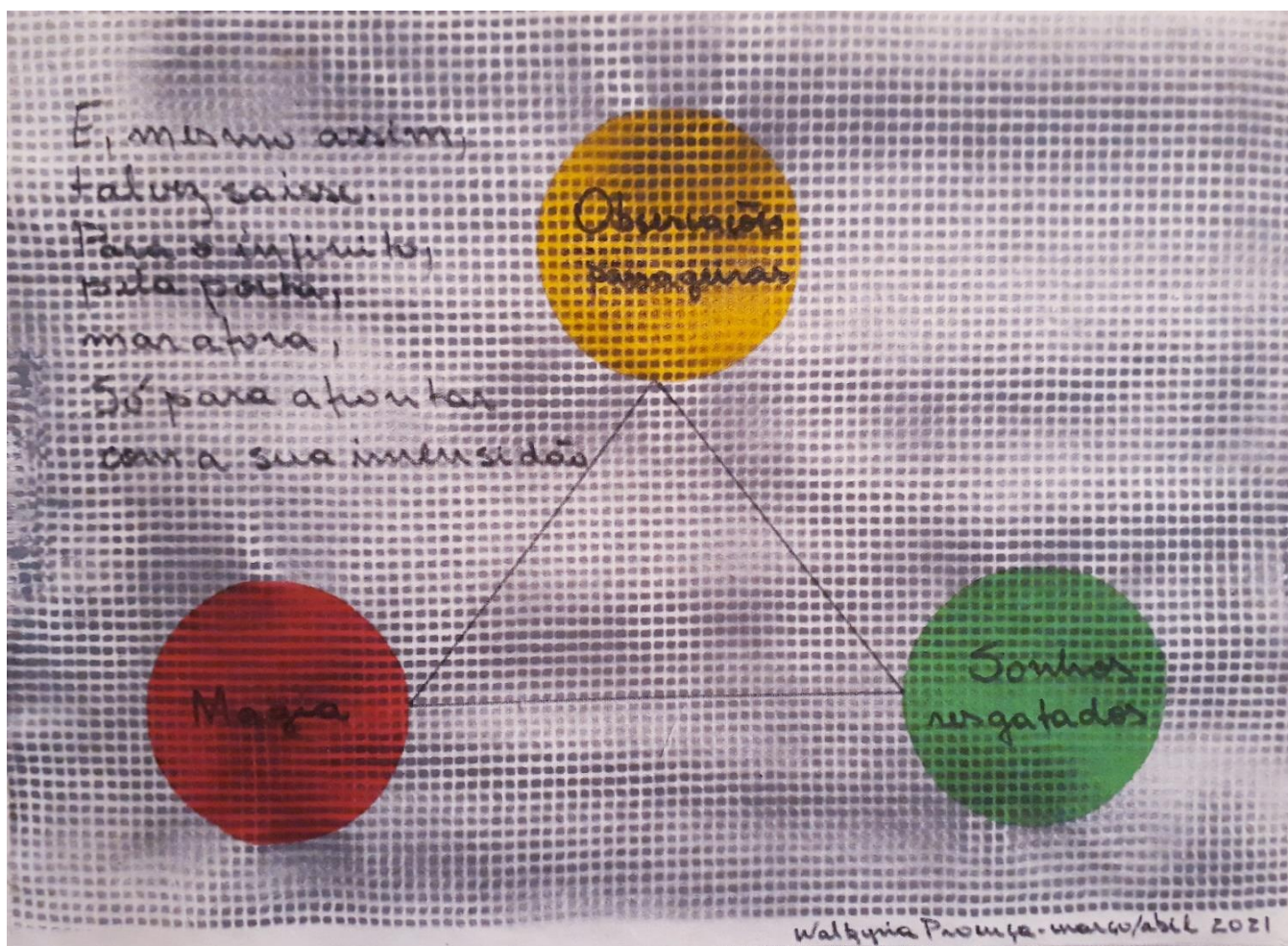
Narciso; desenho com caneta watercolor s/ negativo de raio X; 17 x 20 cm

Vitoria Sztejnman



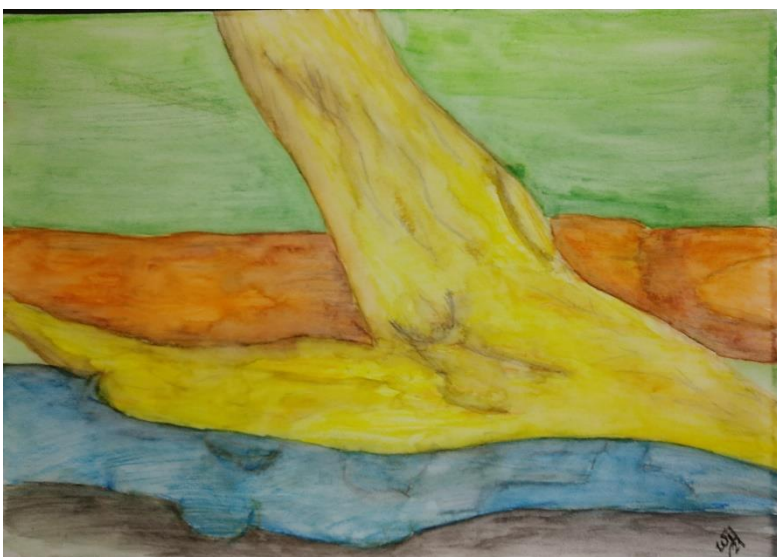
Cenário sem fronteiras; maquete cenográfica s/ papel, fundo em tela de 2 m (miniaturas artísticas, marionetes, abridores com cerâmica, escultura de busto pendurando bonecas, colagem fotográfica, caixas de música), dimensões variadas; 2021

Walkyria Proença



Sem título; acrílica e spray s/ lona; 38 x 50 cm; 2021

Wil Catarina



Natureza impregnada; acrílica s/ galhos secos; 10 x 55 x 23 cm; 2021

Natureza impregnada 1; aquarela s/ papel; 30 x 42 cm; 2021

Natureza impregnada 2; aquarela s/ papel; 30 x 42 cm; 2021

Ze Igino



Sem título; gravura em metal; PA; 20 x 25 cm; 1983

Zoravia Bettiol



Gabinete de Curiosidades: Objetos do meu Afeto; técnica mista; 100 x 70 cm; 2021